



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET

CURSO DE LETRAS – TRADUÇÃO

**Nem de Eva, nem de Adão: uma tradução do texto nothombiano**

Projeto Final do Curso de Tradução

**Aluno: Sávio Santos Boaventura 06/95599**

**Orientadora: Germana Henriques Pereira de Sousa**

Brasília, junho de 2011

A todos que acreditaram.

## AGRADECIMENTOS

À minha família primeiramente,  
por permitir tudo isso sem questionar.

À minha orientadora Germana,  
pela paciência e confiança depositadas. Você me mostrou o caminho.

A todos os professores que compartilharam conhecimento  
e ajudaram em nosso desenvolvimento.

Aos meus amigos, pelo apoio em todos os momentos,  
mesmo quando estive ausente. Sem vocês eu não conseguiria.

“Os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo”

Ludwig Wittgenstein

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	1
1. JUSTIFICATIVA E OBJETIVO .....	4
2. METODOLOGIA .....	5
3. REFLEXÕES TEÓRICAS .....	8
3.1 Escrita Autobiográfica .....	8
3.2 Diálogos .....	9
3.3 Tradução .....	9
3.4 Teoria dos Polissistemas .....	10
3.5 O conceito de normas .....	12
4. TEXTO TRADUZIDO .....	14
5. RELATÓRIO .....	63
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	76
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	77
8. ANEXO – TEXTO DE PARTIDA .....	79

## INTRODUÇÃO

A partir do presente trabalho, proponho um diálogo a respeito da autora Amélie Nothomb e da tradução de sua obra *Ni d'Ève ni d'Adam*, valendo-me da análise do texto, da Teoria dos Polissistemas e das teorias descritivas da tradução, a fim de oferecer uma tradução condizente com o que foi estudado ao longo do curso.

Formada em Filologia Românica pela Universidade Livre de Bruxelas, Amélie Nothomb é um verdadeiro fenômeno na cena literária francesa contemporânea. Filha de família aristocrática belga, nasceu na cidade japonesa de Kobe em 13 de agosto de 1967, tendo vivido no Japão até os cinco anos de idade e, em seguida, acompanhado seu pai a diversos outros países, especialmente do Extremo-Oriente. A solidão aliada ao choque de culturas a marcaram profundamente, sendo fundamentais para tentar compreender sua escrita. De fato, Nothomb começou a escrever aos 17 anos, época em que foi à Bélgica pela primeira vez e se sentiu expatriada. Sabia que era belga, sem saber o que isso realmente representava, e usou a escrita para o que ela chama de "grafomania", como aponta Verônica Galíndez Jorge (2006, p.197). Isto é, em princípio, escrevia para chegar ao autoconhecimento, sem maiores pretensões literárias.

No entanto, desde quando publicou seu primeiro livro em 1992, *Hygiène de l'assassin*, seu primeiro grande sucesso, Nothomb é presença garantida nas listas de obras mais vendidas. Publica um livro religiosamente todos os anos, garantindo ainda que foram escritos pelo menos três e que nem todos deverão ser publicados.

Presença garantida em programas de televisão, passando pela composição de músicas e aparições com roupas extravagantes, Amélie Nothomb é uma personalidade midiática com mais de seis milhões de livros vendidos em 35 países, além de prêmios literários concedidos.

Obviamente, para além do sucesso midiático, a escrita de Nothomb deverá ser melhor estudada, buscando evidenciar o motivo de receber tamanha atenção a cada *rentrée littéraire*.

### **Stupeur et Tremblements**

Meu primeiro contato com Amélie Nothomb se deu através de seu romance autobiográfico *Stupeur et Tremblements*, obra com a qual ganhou o Grande Prêmio de Literatura da Academia Francesa em 1999, mesmo ano de sua publicação.

O relato, que já teve direito a uma adaptação para o cinema, traz a história de Amélie quando retorna ao Japão após terminar seus estudos universitários. Por falar japonês, conseguiu um contrato numa grande empresa japonesa para trabalhar como intérprete. Entretanto, a experiência foi completamente diferente do que esperava, tendo até mesmo de escutar que deveria ‘‘esquecer como se fala japonês’’. O *roman* discorre então sobre os percalços que Amélie passou durante um ano, resistindo a humilhações e tentando encontrar seu espaço numa sociedade que sempre lhe foi querida mas que parecia estar apenas em sua imaginação, visto que há um mundo entre o que ela via e o que realmente acontecia.

Tendo grande interesse pela sociedade japonesa, ao ler *Stupeur et Tremblements* tive a impressão de que alguns trechos pareciam improváveis. De fato, a questão da autobiografia em Amélie Nothomb é um ponto difícil de analisar, sendo até mesmo objeto de teses, assunto sobre o qual discutirei mais a frente.

O fato é que, se Nothomb nunca se sentiu verdadeiramente belga, após o que foi relatado neste livro, o seu mais conhecido, ela percebeu que também não era japonesa como gostava de acreditar. O ocorrido a marcou mais uma vez, sendo ele uma nova experiência de solidão e exílio. Pode-se observar em suas diversas obras um desconforto diante de outras pessoas, representado por personagens quase sempre odiosos.

## Ni d'Ève ni d'Adam

A obra *Ni d'Ève ni d'Adam*, como ela mesma afirma em suas páginas, é a primeira de Amélie Nothomb em que ninguém quer massacrar outra pessoa. Publicado em 2007 pela editora Albin Michel, seu décimo sexto livro traz eventos anteriores, paralelos e posteriores aos de *Stupeur et Tremblements*, expondo a vida que levava fora da empresa onde trabalhava no Japão.

Tudo começa quando, após anunciar aulas particulares de francês, Amélie encontra Rinri, estudante de francês que é o exemplo claro do fracasso do sistema educacional de línguas no Japão, numa cafeteria. Ao longo do livro, são contadas as diversas situações que passaram até que, de fato, desenvolvessem um relacionamento.

Com isto, *Ni d'Ève ni d'Adam* foca o relacionamento entre Amélie e Rinri. Nesta obra, a mais íntima da autora, o choque de culturas está novamente presente, mas de uma forma mais leve, divertida e verossímil, o que faz com que este livro seja um pouco diferente dos demais, embora a ironia ainda esteja presente. A linguagem tem um papel fundamental na forma como Amélie e Rinri enxergam o relacionamento e a obra contrapõe palavras francesas e japonesas para tentar chegar a um entendimento. Por exemplo, enquanto Rinri gosta da perspectiva francesa contida na palavra *amour*, Amélie prefere o termo japonês *koi*, alguém de quem ela "gosta". Desta forma, embora não seja imprescindível, visto que a obra é destinada ao grande público, conhecimento a respeito da língua japonesa torna a leitura mais interessante.

A obra brinca com as diferenças dos dois idiomas e como eles refletem cultura e comportamento, sendo um desafio definir como proceder na tradução, uma vez que será incluída uma língua, o português do Brasil, que não estava prevista num romance que não



parece dar espaço para tal. Há certos trechos que lemos e temos dificuldade em imaginar uma forma de reproduzi-la sem apelar para notas de rodapé e sem fazer parecer que a língua portuguesa seria uma intrusa na obra.

Vencedora do Prix de Flore em 2007, a obra conta ainda, como de praxe, com referências a outros autores e artistas e comentários de caráter filosófico, através dos quais podemos descobrir mais a respeito da autora.

### **1. Justificativa e objetivo: Por que Amélie Nothomb?**

Amélie Nothomb, embora seja um fenômeno literário na cena francesa, ainda encontra muita resistência na academia. Trabalhos a respeito de sua obra ainda são tímidos, seja na França ou no Brasil, sendo transferida a jornalistas a responsabilidade de analisá-la. Com isto, especialmente em português, ao procurar por Amélie Nothomb encontramos textos que acabam funcionando mais como uma mera propaganda do que como um estudo de seus livros. E mesmo assim, são muitos poucos os textos existentes, além de não serem recentes em sua maioria.

Ademais, é interessante observar o que acontece no Brasil: Apenas cinco de seus livros foram traduzidos e publicados. São eles: *Robert des noms propres* (Dicionário de Nomes Próprios, 2003) pela Editora Nova Fronteira e *Les Catilinaires* (As Catilinárias, 1997), *Hygiène de l'assassin* (Higiene do Assassino, 1998), *Stupeur et tremblements* (Medo e Submissão, 2001) e *Métaphysique des tubes* (A Metafísica dos Tubos, 2003) pela Editora Record. Todos com apenas uma edição.

Entrei em contato com a Editora Record para tentar descobrir o motivo de uma autora de *best-sellers* ter tido tão pouco espaço no mercado editorial brasileiro. A resposta limitou-se a dizer que os leitores brasileiros ainda não reconheceram seu talento, o que culminou em

vendas aquém do esperado. Posso apenas imaginar que, não tendo a mesma exposição de que dispõe na Europa, Amélie Nothomb não é tratada exatamente como um fenômeno midiático em nosso país, ao menos por parte das editoras. Poderíamos questionar também se as traduções anteriores contribuíram para esse fracasso.

Dito isto, trata-se de uma autora que ainda carece de estudos acadêmicos. O presente trabalho procura diminuir um pouco esta carência, partindo de uma obra que traz diversas situações que põem o tradutor à prova. Sendo assim, como já fora mencionado, busco uma tradução que, ao mesmo tempo, contribua para uma melhor compreensão a respeito da autora e das práticas tradutórias, especialmente no que diz respeito à literatura contemporânea, de forte apelo comercial.

Por fim, gostaria de reproduzir o que Amélie Nothomb diz na página 31 de *Ni d'Ève ni d'Adam*: “*Quelqu'un veut nous montrer quelque chose : cela seul compte.*”

## **2. Metodologia**

O primeiro passo do projeto foi escolher uma autora que fosse conhecida e de quem eu já conhecesse as obras, garantindo assim segurança para falar sobre a mesma e para utilizar a bibliografia que fora estudada em decorrência de outros trabalhos. Também contou para a escolha o fato de o livro nunca ter sido traduzido em português. Embora não haja problema em haver mais de uma tradução de uma mesma obra, visto que uma não necessariamente anula a outra, achei pertinente traduzir algo que ainda não pudesse ser encontrado em língua portuguesa, buscando diminuir a carência mencionada anteriormente.

O segundo passo foi uma leitura atenta da dita obra. Esta etapa consistia em anotar trechos considerados problemáticos, além da análise geral quanto à linguagem utilizada. Esta análise foi um tanto quanto problemática, pois embora haja um registro mais formal, é comum

encontrar palavras informais misturadas a ele. Durante os diálogos, os registros são diferentes dependendo de quem está falando e, no caso de Amélie e Rinri, tornam-se mais informais ao longo do livro, exigindo uma postura do tradutor quanto a isso desde o início do trabalho. Questões gramaticais são discutidas entre a professora e o aluno, sendo difíceis de serem transpostas em português de forma natural. Por fim, brincadeiras envolvendo palavras nem sempre eram explicadas ou ditas de forma explícita, o que me fez ter cuidado para que assim permanecessem, a fim de evitar que a obra se tornasse mais didática do que já é.

O terceiro passo consistiu na tradução propriamente dita. Com a estratégia a ser adotada em mente, realizei a tradução servindo-me de *softwares* livres como LibreOffice e alguns *plug-ins* voltados para escritores, Stardict com diversas fontes de dicionários tais quais Littré, Larousse, Oxford, Aulete Digital, entre outros programas, todos sob a plataforma Linux. Pesquisas no Google também ajudaram muito, especialmente para conseguir imagens que confirmassem se eu havia entendido direito certos trechos de difícil visualização. O fórum do website Wordreference.com foi especialmente útil, havendo lá milhares de pessoas dispostas a debater expressões e palavras nas mais diversas línguas. Atualmente, o tradutor conta com um arsenal de fontes de pesquisa, mas é preciso tomar cuidado pois, se há muitas fontes, muitas delas podem estar equivocadas ou simplesmente confusas. Mesmo que todas as ferramentas apontem para uma direção, não é rara a sensação de que algo está fora do lugar. Especialmente em tradução literária, todas estas ferramentas serviram como fonte de auxílio, não como determinantes para a minha escolha final. Por fim, optei por não utilizar memórias de tradução, visto que minha experiência pessoal com essas ferramentas foi satisfatória apenas com os textos ditos técnicos.

O último passo, como esperado, foi a revisão da tradução. Consistiu numa leitura do texto, agora em português, em busca de orações que necessitassem de correções e trechos que ainda precisassem de algum cuidado maior para que parecessem mais naturais. Os diálogos,

em especial, foram difíceis de serem analisados. Achar o tom entre a formalidade exigida em função do país onde a história acontece e a informalidade que naturalmente ocorre entre duas pessoas íntimas foi um grande desafio.

## REFLEXÕES TEÓRICAS

### 3.1 Escrita autobiográfica

É sempre muito difícil definir se um texto de Amélie Nothomb é realmente autobiográfico, mesmo que haja uma confirmação por parte da autora. A linha que separa a realidade da ficção em sua obra é muito tênue. Christine de Melo Ferreira observa:

A aproximação entre autora e narradora se faz, às vezes, de maneira conflitante. Apesar de escritas em primeira pessoa, em nenhuma de suas narrativas de cunho autobiográfico há referência nominal que identifique de maneira clara a protagonista/narradora à autora. Não havendo identidade nominal, como falar de autobiografia?

(2006, p.13)

Entretanto, temos dois livros em que o caráter autobiográfico é mais verossímil, sendo a identidade narrativa explicitada: *Stupeur et Tremblements* e *Ni d'Ève ni d'Adam*. Nestas obras, especialmente na que está sendo trabalhada neste projeto, Amélie se aproxima do público ao contar de forma detalhada suas experiências quando viveu no Japão. Há referências a amigos, familiares e, no caso de *Ni d'Ève ni d'Adam*, ela conta inclusive sobre o momento em que seu primeiro livro foi publicado. A partir de tais dados verificáveis e da aproximação cada vez mais nítida da autora com o público, podemos dizer que a obra a ser traduzida neste projeto deve ser considerada uma autobiografia, apesar da ambiguidade e confusão que há entre vida e obra da autora.

Em tempo, o caráter autobiográfico pode ser um dos motivos de tanta popularidade. Banais, o leitor pode se identificar com as histórias e conflitos presentes em suas obras e, sendo assim, a escrita que era voltada para o autoconhecimento é também voltada para que a torne conhecida.

### **3.2 Diálogos**

Christine de Melo Oliveira ainda chama atenção para a ironia, metalinguagem e intertextualidade presentes no texto nothombiano (2006, p.40). Em *Ni d'Ève ni d'Adam*, a autora faz bastante uso de diálogos rápidos e engraçados, até mesmo teatrais. Tóth Ferenc observa que, para Amélie Nothomb, a fala serve para resolver problemas, o que cria uma oposição entre consciência ocidental e japonesa, pois nesta última a fala pode agravar ainda mais a situação (2010, p.54).

Ainda, Amélie Nothomb faz uso de uma linguagem correta, por vezes com palavras pouco usadas ou conhecidas. Isto faz com que suas palavras possam soar pedantes em algumas passagens que descrevem situações comuns.

Desta forma, temos um texto que apresenta diversos recursos textuais, mesmo que possam passar despercebidos pelo leitor comum, dada a rapidez com que é lido, característica comum a obras de literatura consideradas de entretenimento. O uso de diálogos serve para, ao mesmo tempo, aproximar o leitor da vida da autora e expor a ambiguidade da mesma em relação a sua identidade.

### **3.3 Tradução**

O número de livros traduzidos aumenta a cada ano, criando-se assim uma verdadeira indústria ao redor da tradução. Muitos desses livros fazem parte do que chamamos de literatura voltada ao entretenimento e que é frequentemente considerada como sub-literatura pela crítica.

Embora tal literatura não goze de muito prestígio, especialmente no meio acadêmico, ela tem seu papel no que tange à manutenção da alta literatura e merece ser estudada.

Dito isto, e também tendo a tradução papel importante no desenvolvimento do sistema literário brasileiro, proponho uma breve explanação a respeito de como este funciona e de como a tradução de obras como a trabalhada neste projeto poderia contribuir com sua evolução.

### **3.4 Teoria dos Polissistemas**

Como base da minha fundamentação teórica, utilizo a Teoria dos Polissistemas desenvolvida por Itamar Even-Zohar ao longo da década de 1970. Segundo esta teoria, que trouxe importantes aportes aos Estudos da Tradução, o sistema literário é, na verdade, constituído de outros sistemas e há uma relação entre estes variados sistemas, sendo por isso chamado de polissistema. Podemos, ainda, fazer uma separação entre sistema canônico e sistema não-canônico, sendo este último dependente do primeiro, pois nele busca técnicas para desenvolver-se, ainda que sejam apresentadas de forma mais simplificada.

Quanto ao sistema canônico, criador de modelos a serem seguidos, ele necessita da tensão existente entre os diferentes sistemas, como observa Carolina Alfaro de Carvalho (2005, p.31). Desta forma, segundo Zohar, os sistemas são interdependentes, fazendo com que um polissistema estivesse incompleto se houvesse apenas a alta literatura.

Tomando a Teoria dos Polissistemas como base, a tradução está inserida nesta rede de sistemas que compõem o polissistema. Podemos perceber se a tradução ocupa uma posição primária ou secundária em um determinado sistema literário a partir do próprio desenvolvimento literário do sistema a ser analisado. Em países centrais, é comum que a tradução adquira um caráter secundário, fazendo com que obras sejam domesticadas e estejam preocupadas em serem acessíveis à cultura local. Quando não são domesticadas completamente, podem ser traduzidas sob o rótulo de ‘obras exóticas’, como aconteceu com a obra de Jorge Amado. Em todo caso, a tradução ocupa um papel de menor prestígio em um país cuja literatura ocupa uma posição central no sistema de recepção.

No caso do Brasil, país periférico, a literatura nacional dependia da europeia para se desenvolver e, para isto, a tradução desempenhou um papel primordial. Ocupando uma posição primária, a tradução serviu de canal para trazer modelos a serem imitados, contribuindo para o desenvolvimento tanto da literatura quanto da língua literária nacionais. O tradutor é, portanto, essencial no desenvolvimento do sistema literário de um país, visto que serve de mediador entre os diferentes sistemas.

Desta forma, dadas as diversas relações de poder que cercam a tradução, Even-Zohar acredita que a análise comparativa entre a tradução e o original não basta para compreender as diferentes decisões tradutórias que foram tomadas. O estudo de normas e modelos vigentes no sistema literário a ser analisado poderia ampliar nossa compreensão a respeito de como as traduções são realizadas. Em geral, textos não são estrangeirizados ou domesticados por mera vontade do tradutor, mas porque há um sistema que o leva para um caminho ou outro e devem ser analisados em função da posição que ocupam no polissistema. Segundo Márcia Martins:

De acordo com o modelo polissistêmico, o que faz uma dada tradução ‘funcionar’ ou não num determinado período não é a sua qualidade intrínseca, na medida em que tal propriedade não existe, mas sim a sua adequação à prática e à ideologia



predominantes — inspiradas e consolidadas pelas estruturas de poder.  
(1999, p.52)

Dito isto, realizei minha tradução de *Ni d'Ève ni d'Adam* levando em consideração essas relações e normas vigentes no nosso sistema literário.

### **3.5 O conceito de normas**

Segundo Gideon Toury, o qual foi influenciado pela Teoria dos Polissistemas de Itamar Even-Zohar, o tradutor deve produzir um texto que, ao mesmo tempo, represente outro anterior e ocupe um espaço no sistema desejado. Isto é, a tradução deverá buscar um compromisso entre as duas culturas e atingir os objetivos almejados. Para isso, pode obedecer às normas, mesmo que algumas sejam implícitas, do processo tradutório.

Havendo normas devido às relações que existem entre os sistemas, é possível identificar se uma tradução está adequada ao que costuma ser praticado em determinado sistema e, assim, é igualmente possível analisar a receptividade da mesma perante o público.

Carolina Alfaro de Carvalho aponta ainda que normas mais gerais são interiorizadas pelos tradutores enquanto que as decisões mais problemáticas costumam passar por uma análise mais consciente (2005, p.53). Alguns exemplos de decisões problemáticas serão vistos no relatório deste trabalho, sendo que algumas delas podem fugir à norma, dependendo do objetivo visado. Isto porque, embora haja normas, o tradutor tem sempre autonomia para quebrá-las se considerar necessário.

Segundo Lawrence Venuti, em *Escândalos da tradução* (2002), o tradutor deve explicitar a estrangeiridade do texto, privilegiando assim a heterogeneidade. Esta seria a

tradução minorizante, isto é, a que abre o dialeto-padrão para o estrangeiro, para o marginal (2002, p.28).

Desta forma, gostaria de ressaltar que o tradutor não é um mero agente responsável por transpor um texto fonte a um texto alvo, como o público leitor tende a acreditar. Como aponta Susan Bassnett (2003, p.2), a tradução é vista como uma atividade secundária, mecânica e passível de ser realizada por alguém que detenha conhecimentos básicos de uma segunda língua.

Entretanto, como podemos perceber através das teorias descritivas da tradução, são muitos os sistemas que regem a prática tradutória, sendo o tradutor responsável pelo desenvolvimento do sistema literário em países periféricos como o nosso. Afinal, como dizem, palavra é poder.

**TEXTO TRADUZIDO: Nem de Eva, nem de Adão**

O meio mais eficaz de aprender japonês me pareceu ser ensinando francês. No supermercado, deixei um pequeno anúncio: “Aulas particulares de francês, preço atrativo.”

O telefone tocou no mesmo dia, à noite. Encontro marcado para o dia seguinte, numa cafeteria de Omotesando. Não entendi o seu nome, ele também não entendeu o meu. Ao desligar, dei-me conta de que não saberia como reconhecê-lo, nem ele a mim. E como não tive a presença de espírito de pedir seu número, isso não terminaria bem. “Talvez ele me ligue por causa disso”, pensei.

Ele não ligou. A voz me parecera jovem, o que não ajudaria muito. Havia jovens em abundância em Tóquio, em 1989. Ainda mais na cafeteria de Omotesando, 26 de janeiro, por volta das quinze horas.

Eu não era a única estrangeira, longe disso. Mesmo assim, ele avançou na minha direção sem hesitar.

— A senhora é a professora de francês?

— Como você sabe?

Ele deu de ombros. Muito rígido, sentou-se e ficou calado. Entendi que eu era a professora e que deveria cuidar dele. Fiz algumas perguntas e descobri que ele tinha vinte anos, se chamava Rinri e estudava francês na universidade. Ele descobriu que eu tinha vinte e um anos, me chamava Amélie e estudava japonês. Ele não entendeu a minha nacionalidade. Eu estava acostumada.

— A partir de agora, não temos mais o direito de falar inglês — disse.

Conversei em francês a fim de conhecer seu nível: era péssimo. O mais grave era a sua pronúncia: se não soubesse que Rinri estava falando francês comigo, teria acreditado estar

lidando com um péssimo iniciante de chinês. Seu vocabulário era sofrível, sua sintaxe copiava mal a do inglês que, todavia, parecia ser sua referência absurda. Ora, ele estava no terceiro ano de francês, na universidade. Tive a confirmação da derrota absoluta do ensino de línguas no Japão, a tal ponto que não podemos nem mesmo falar em insularidade.

O rapaz devia perceber a situação, pois não demorou a se desculpar e, depois, a se calar. Não pude aceitar tal fracasso e tentei fazê-lo falar novamente. Em vão. Ele mantinha a boca fechada como se escondesse dentes podres. Estávamos num impasse.

Comecei então a falar em japonês. Não praticava desde os cinco anos de idade e os seis dias que acabara de passar no país do Sol Nascente, após dezesseis anos de ausência, não foram suficientes, longe disso, para reativar minhas lembranças infantis dessa língua. Falei com ele então num linguajar pueril sem pé nem cabeça. Algo sobre a polícia, cães e flores de cerejeira.

O rapaz me escutou com espanto e disparou a rir. Perguntou-me se uma criança de cinco anos havia me ensinado japonês.

—Sim — respondi —, essa criança sou eu.

E contei-lhe o meu percurso. Narrei lentamente, em francês; graças a uma emoção particular, senti que ele me compreendia.

Eu o havia deixado desinibido.

Num francês pior do que ruim, disse-me que conhecia a região onde nasci e vivi meus cinco primeiros anos: Kansai.

Ele era originário de Tóquio, onde seu pai dirigia uma grande escola de joalheria. Ele parou, cansado, e bebeu o café num gole só.

Suas explicações pareciam ter-lhe custado tanto quanto se ele tivesse atravessado um rio em cheia por um vau no qual as pedras estivessem separadas cinco metros umas das outras. Diverti-me vendo-o retomar o fôlego depois dessa façanha.

É preciso reconhecer que o francês é uma língua perversa. Eu não gostaria de estar no lugar do meu aluno. Aprender a falar a minha língua devia ser tão difícil quanto aprender a escrever a dele.

Perguntei-lhe o que gostava na vida. Refletiu longamente. Gostaria de saber se sua reflexão era de natureza existencial ou linguística. Após tanta busca, sua resposta me deixou totalmente perplexa:

— Jogar.

Impossível determinar se o obstáculo fora lexical ou filosófico. Insisti.

— Jogar o quê?

Ele deu de ombros.

— Jogar.

Sua atitude apontava para um desapego admirável ou uma preguiça diante do aprendizado da minha língua colossal.

Nos dois casos, achei que o rapaz havia se saído bem e concordei com ele. Declarei que ele tinha razão, que a vida era um jogo: quem acreditava que jogar se limitava à futilidade não havia entendido nada, etc.

Ele me escutava como se eu estivesse contando alguma bizarrice. A vantagem de conversas com estrangeiros é que podemos sempre atribuir a expressão mais ou menos consternada do outro a uma diferença cultural.

Rinri, por sua vez, perguntou-me o que eu gostava na vida. Separando bem as sílabas, respondi que gostava do barulho da chuva, passear na montanha, ler, escrever, ouvir música.

Interrompeu-me para dizer:

— Jogar.

Por que ele repetia isso? Talvez para me consultar sobre o assunto. Continuei:

— Sim, eu adoro jogar. Cartas, principalmente.

Agora era ele quem parecia perdido. Sobre a página em branco dum caderno, desenhei cartas: ás, dois, espadas, paus.

Ele me interrompeu: sim, claro, as cartas ele conhecia. Senti-me extraordinariamente estúpida com a minha pedagogia barata. Para fugir do embaraço, falei qualquer coisa: que alimentos ele comia? Peremptório, respondeu:

— Uurrrrhhhh.

Eu acreditava conhecer a cozinha japonesa, mas isso eu nunca havia escutado. Pedi-lhe que me explicasse. Sobriamente, repetiu:

— Uurrrrhhhh.

Sim, claro, mas o que era isso?

Atônito, tomou-me o caderno das mãos e traçou o contorno dum ovo. Levei vários segundos montando os pedaços na cabeça e exclamei:

— *Æuf!*

Ele abriu os olhos como se dissesse: *Voilà!*

— Pronuncia-se *æuf* — emendei —, *æuf*.

— Uurrrrhhhh.

— Não, olhe a minha boca. É preciso abrir mais: *æuf*.

Ele abriu bem a boca:

— Orrrrhhhh.

Interroguei-me: isso foi um progresso? Sim, pois constituía uma mudança. Ele evoluía, se não no bom sentido, ao menos para outra coisa.

— Melhorou — disse, cheia de otimismo.

Ele sorriu sem convicção, contente com minha gentileza. Eu era a professora de que ele precisava. Perguntou-me o preço da aula.

— Pague o que quiser.

Esta resposta dissimulava a minha ignorância absoluta das tarifas em vigor, mesmo por aproximação. Sem saber, eu devo ter falado como uma verdadeira japonesa, pois Rinri tirou do bolso um lindo envelope feito de papel de arroz no qual, anteriormente, havia colocado dinheiro.

Envergonhada, recusei:

— Hoje não. Não foi uma aula digna desse nome. Mal foi uma apresentação.

O rapaz deixou o envelope diante de mim, foi pagar os cafés, voltou para marcar um encontro na segunda-feira seguinte, não olhou para o dinheiro que eu tentava devolver, despediu-se e partiu.

Engoli a vergonha, abri o envelope e contei seis mil ienes. O que é fabuloso quando se é pago numa moeda fraca é que os montantes são sempre extraordinários. Voltei a pensar no “uurrhhhh” que virou “orrrhhhh” e achei que não havia feito por merecer seis mil ienes.

Comparei mentalmente a riqueza do Japão com a da Bélgica e concluí que essa transação era uma gota d’água no oceano de tamanha desproporção. Com meus seis mil ienes, no supermercado, eu podia comprar seis maçãs amarelas. Adão devia isso à Eva. Com a consciência apaziguada, fui andar por Omotesando.

30 de janeiro de 1989. Meu décimo dia no Japão, como adulta. Desde o que eu chamava de meu retorno, toda manhã, ao abrir as cortinas, descobria um céu de azul perfeito. Quando, durante anos, você abre cortinas belgas que dão para um pesado cinza, como não exaltar o inverno de Tóquio?

Encontrei com meu aluno no café de Omotesando. O foco da aula foi o tempo que fazia. Boa ideia, pois o clima, assunto ideal para os que não têm nada a dizer, é a conversa principal e obrigatória no Japão.

Encontrar alguém e não conversar sobre meteorologia equivale a uma falta de *savoir-vivre*.

Rinri pareceu ter progredido desde a última vez. Isso não podia ser explicado apenas pelas minhas aulas: ele devia ter estudado sozinho. A perspectiva de dialogar com uma francófona sem dúvida o deixou motivado.

Ele falava sobre o rigor do verão quando o vi erguer os olhos em direção a um rapaz que acabara de chegar. Trocaram um sinal.

— Quem é? — perguntei.

— Hara, um amigo que estuda comigo.

O jovem aproximou-se para nos cumprimentar. Rinri fez as apresentações em inglês.

Insurgi-me:

— Em francês, por favor. Seu amigo também estuda essa língua.

Meu aluno se recompôs, enrolou-se um pouco por causa da mudança brusca de registro e depois articulou com dificuldade:

— Hara, eu te apresento Amélie, minha mestra.

Tive muita dificuldade para segurar o riso que desencorajaria tão louváveis esforços. Eu não iria corrigi-lo na frente de seu amigo: isso o faria perder a face.



Era o dia das coincidências: vi Christine entrar, uma simpática belga que trabalhava na embaixada e me ajudou a preencher a papelada.

Chamei-a.

Pareceu-me que era a minha vez de fazer as apresentações. Mas Rinri, ainda embalado, certamente querendo repetir o exercício, disse à Christine:

— Apresento-lhe Hara, meu amigo, e Amélie, minha mestra.

A jovem mulher me olhou brevemente. Simulei indiferença e apresentei Christine aos rapazes. Por causa desse mal-entendido, e por medo de parecer uma dominatrix, não ousei mais dar instruções ao meu aluno. Fixei como único objetivo possível manter o francês como língua de troca.

— Vocês duas são belgas? — perguntou Hara.

— Sim — sorriu Christine — Você fala francês muito bem.

— Graças à Amélie que é a minha...

Neste instante, cortei Rinri para dizer:

— Hara e Rinri estudam francês na universidade.

— Sim, mas nada como aulas particulares para aprender, não é?

A atitude de Christine me crispava, sem que fôssemos íntimas o bastante para que lhe explicasse a situação.

— Onde você conheceu a Amélie? — ela perguntou ao Rinri.

— No supermercado Azabu.

— Que engraçado!

Havíamos escapado do pior: ele podia ter respondido que fora através dum anúncio.

A garçonete veio buscar os pedidos dos recém-chegados. Christine olhou o relógio e disse que estava quase na hora de seu encontro de negócios. No momento de partir, dirigiu-se a mim em holandês:

— Ele é bonito, fico feliz por você.

Quando ela saiu, Hara me perguntou se ela havia falado belga. Confirmei procurando evitar uma longa explicação.

— Você fala francês muito bem — disse Rinri com admiração.

“Mais um mal-entendido”, pensei abatida.

Eu não tinha mais energia e pedi a Hara e Rinri que dialogassem em francês, contentando-me em corrigir os erros mais incompreensíveis. O que eles conversavam me impressionou:

— Se você vier na minha casa sábado, leve o molho de Hiroshima.

— Yasu irá jogar com a gente?

— Não, ele vai jogar na Minami.

Eu adoraria saber o que eles jogavam. Perguntei ao Hara, mas sua resposta não me iluminou mais do que a do meu aluno durante a lição anterior.

— Sábado, você também, venha jogar comigo — disse Hara.

Eu tinha certeza de que ele estava me convidando por educação. No entanto, eu tinha muita vontade de aceitar. Com medo de que minha ida pudesse incomodar o meu aluno, fui tateando o terreno:

— Não conheço Tóquio, vou me perder.

— Eu irei buscá-la — propôs Rinri.

Fiquei mais tranquila e agradei Hara com entusiasmo. Quando Rinri me estendeu o envelope que continha meu pagamento, fiquei ainda mais envergonhada do que da última vez. Acalmei minha consciência decidindo dedicar o dinheiro à compra dum presente para o meu anfitrião.

Sábado à tarde, vi chegar em frente a minha moradia uma suntuosa Mercedes branca, tão limpa que brilhava ao sol. Ao aproximar-me, a porta se abriu automaticamente. O condutor era o meu aluno.

Enquanto ele circulava pelas ruas de Tóquio, perguntei-me se o trabalho de seu pai não escondia uma relação com a Yakuza, organização da qual esse era o veículo típico. Guardei as minhas interrogações para mim mesma. Rinri dirigia sem falar, concentrado no tráfego intenso.

De soslaio, olhei seu perfil, lembrando-me das palavras holandesas de Christine. Nunca teria pensado em achá-lo bonito se minha compatriota não houvesse falado. Além disso, eu não estava convencida de que ele que o fosse. Mas a firmeza de sua nuca bem raspada e a absoluta imobilidade de seus traços traziam uma distinção impressionante.

Era a terceira vez que eu o via. Sempre vestia as mesmas roupas: jeans azul, uma camisa branca e um blusão preto de camurça. Nos pés, tênis de astronauta. Sua magreza me impressionava.

Um carro o fechou escandalosamente. Não satisfeito com a sua infração, o motorista desceu e cobriu Rinri de insultos aos gritos. Meu aluno, muito calmo, desculpou-se profundamente. O bruto partiu.

— Mas ele estava errado! — exclamei.

— Sim — disse Rinri fleumático.

— Por que você se desculpou?

— Não conheço a palavra francesa.

— Diga-a em japonês.

— *Kankokujin*.

Coreano. Entendi. Sorri por dentro do fatalismo educado do meu aluno.

Hara morava num apartamento microscópico. Seu amigo levou uma caixa enorme de molho de Hiroshima. Senti-me idiota com o meu pacote de cerveja belga que, no entanto, foi saudado com uma curiosidade sincera.

Havia um certo Masa que cortava repolho em pequenas fatias e uma jovem americana chamada Amy. Sua presença nos forçou a falar inglês, o que fez com que se tornasse odiosa para mim. Gostei ainda menos dela quando adivinhei que fora convidada na tentativa de me deixar à vontade. Como se eu fosse sofrer por ser a única ocidental.

Amy achou oportuno nos contar como estava sofrendo no exílio. Do que ela mais sentia falta? Do *peanut butter*, disse ela sem rir. Cada uma de suas frases começava por “*In Portland...*”. Os três rapazes a escutavam educadamente, embora claramente não soubessem em qual costa americana esse buraco ficava e não davam a mínima para isso. Quanto a mim, eu odiava o antiamericanismo primário e depois pensei que me proibir de detestar essa garota por causa disso constituiria uma forma imunda de antiamericanismo primário: deixei-me ir então a uma execração natural.

Rinri descascava gengibre, Hara limpava os camarões, Masa havia terminado de atomizar o repolho. Adicionei na minha cabeça esses dados com o molho de Hiroshima e exclamei, cortando Amy no meio duma frase sobre Portland:

— Nós vamos comer *okonomiyaki*!

— Você conhece? — impressionou-se meu anfitrião.

— Era o meu prato favorito quando eu vivia em Kansai.

— Você viveu em Kansai? — perguntou Hara.

Rinri não lhe havia dito nada. Teria ele entendido alguma palavra do que eu disse durante a primeira lição? De repente, louvei a presença de Amy que nos obrigava a falar inglês e expliquei o meu passado japonês com a voz trêmula.

— Você tem nacionalidade japonesa? — interrogou Masa.

— Não. Nascer aqui não é o suficiente. Nenhuma outra nacionalidade é tão difícil de adquirir.

— Você pode se tornar americana — observou Amy.

Não querendo ser grosseira, mudei a conversa rapidamente:

— Eu gostaria de ajudar. Onde estão os ovos?

— Por favor, você é minha convidada — disse Hara —, sente-se e jogue.

Olhei ao redor procurando um jogo, em vão. Amy viu minha angústia e morreu de rir.

— *Asobu* — disse.

— Sim, *asobu, to play*, eu sei — respondi.

— Não, não sabe. O verbo *asobu* não tem o mesmo sentido do verbo *to play*. Em japonês, quando você não está trabalhando, isso se chama *asobu*.

Então era isso. Enfureci-me por ter sido uma nativa de Portland a me ensinar e, logo em seguida, lancei-me no pedantismo a fim de recolocá-la em seu lugar:

— *I see*. Isso corresponde à noção de *otium* em latim.

— Latim? — retomou Amy, aterrorizada.

Feliz com essa reação, comparei *otium* com o grego antigo sem poupar-lhe de nenhuma etimologia indo-europeia. A nativa de Portland iria ver o que é uma filóloga.

Após ter dado o troco, calei-me e comecei a jogar ao modo Sol Nascente. Contemplei a preparação da massa de crepes e o cozimento do *okonomiyaki*. O odor de repolho, camarão e gengibre chiando no fogo juntos me fez viajar dezesseis anos atrás, época em que a minha doce governanta Nishio-san preparava a mesma regalia, que desde então eu nunca mais havia comido.

O apartamento de Hara era tão pequeno que nenhum detalhe me escapava. Rinri abriu o pacote do molho de Hiroshima seguindo os pontilhados e o colocou sobre o centro da mesa

baixa. “*What’s that?*”, gemeu Amy. Peguei a caixa e respirei com nostalgia o perfume de ameixa amarga, vinagre, saquê e soja. Eu parecia estar me drogando com Tetra Pak.

Quando recebi o meu prato desse crepe recheado, perdi meu verniz de civilização, reguei com molho sem esperar ninguém e ataquei.

Nenhum restaurante japonês do mundo oferece essa cozinha popular tão barbaramente emocionante, ao mesmo tempo tão simples e tão sutil, tão amigável e tão sofisticada. Eu tinha cinco anos, nunca havia saído das saias de Nishio-san e gritava com o coração partido e as papilas em transe. Detonava o meu *okonomiyaki*, os olhos no vago, dando gemidos de volúpia.

Foi após comer tudo que vi que me olhavam com um polido embaraço.

— Cada país tem seus modos à mesa — balbuciei. — Vocês acabaram de descobrir os dos belgas.

— *Oh my God!* — exclamou Amy.

Como se pudesse dizer alguma coisa, aquela lá. O que quer que ela mastigasse, parecia estar mascando chiclete.

Meu anfitrião teve uma reação que me agradou bem mais: preparou-me rapidamente um novo crepe.

Bebemos a cerveja Kirin. Eu havia levado Chimay, que combinou estranhamente com o molho de Hiroshima. As *cervoises* asiáticas são cervejas de mesa ideais.

Não sei do que falaram os comensais. O que eu comia me acaparava demais. Estava vivendo uma aventura da memória numa profundidade tão devastadora que não podia esperar para dividi-la.

Em meio a um nevoeiro emocional, lembro-me de que em seguida Amy propôs um *Pictionary* e de que jogamos na acepção ocidental do verbo. Não demorou para que se arrependesse da ideia: os japoneses são muito bons quando se trata de desenhar conceitos. A

partida desenvolveu-se entre os três nipônicos, enquanto eu digeria em êxtase e a americana perdia gritando de raiva. Ela louvou a minha presença, pois eu jogava ainda pior. Sempre que era a minha vez, eu traçava sobre o papel alguma coisa parecida com batatas fritas.

— *Come on!* — gritava ela, enquanto que os três rapazes escondiam cada vez menos o riso.

Foi uma noite excelente e, ao final, Rinri me conduziu de volta.

Durante a lição seguinte, percebi que seu comportamento havia mudado: dirigia-se a mim mais como a uma amiga do que como a uma professora. Fiquei feliz, visto que isso favorecia seu progresso: ele tinha menos medo de falar. Em contrapartida, ficou muito mais embaraçosa, para mim, a entrega do envelope.

No momento da separação, Rinri me perguntou o porquê de eu sempre marcar encontro na cafeteria de Omotesando.

— Estou em Tóquio há pouco mais de duas semanas, não conheço outra cafeteria. Se você conhecer bons lugares, não hesite em dizer.

Ele respondeu que viria me buscar de carro.

Enquanto isso, o programa de japonês para negócios havia começado e eu tinha aula com cingapurianos, alemães, canadenses e coreanos que acreditavam que aprender essa língua era a chave do sucesso. Havia até mesmo um italiano, mas ele não demorou a jogar a toalha, incapaz que era de omitir o acento tônico.

Em comparação, o defeito de pronúncia dos alemães, que se obstinavam em dizer *v* no lugar de *w*, parecia perdoável. Eu era, como sempre na minha vida, a única belga.

No fim de semana, pela primeira vez, consegui sair de Tóquio. Um trem me levou até a pequena cidade de Kamakura, a uma hora da capital. A redescoberta dum Japão antigo e silencioso levou lágrimas aos meus olhos. Sob este céu tão azul, os telhados pesados de telhas em arco e o ar imobilizado pela geada diziam que me esperaram, que sentiram minha falta, que a ordem do mundo fora restaurada com o meu retorno e que meu reinado duraria dez mil anos.

Sempre tive um lirismo megalomaniaco.

Segunda-feira à tarde, a branquíssima Mercedes me abriu a porta.



— Aonde vamos?

— A minha casa — disse Rinri.

Não tive o que responder. Casa dele? Estava louco. Poderia ter me avisado. Que estranhas maneiras da parte dum nipônico tão bem educado! Talvez o meu pressentimento a respeito de ele pertencer à Yakuza se justificasse. Escrutei seus punhos: haveria uma tatuagem passando pelas mangas do blusão? A nuca perfeitamente raspada, que tipo de submissão ela significava?

Após um longo trajeto, chegamos ao luxuoso distrito de Denenchofu, onde moram as fortunas de Tóquio. Uma garagem abriu o portão ao reconhecer o carro. A casa representava a ideia que os anos sessenta nipônicos tinham do ápice da modernidade. Um jardim com a largura duns dois metros a contornava, fosso verde que moldava este castelo quadrado de concreto.

Os pais me receberam chamando-me de *sensei*, o que me deu uma terrível vontade de rir. O senhor parecia uma obra de arte contemporânea, bonito e incompreensível, coberto de joias de platina. A senhora, muito mais simples, vestia um *tailleur* chique e respeitável. Serviram-me chá verde e desapareceram rapidamente, procurando não prejudicar a qualidade do meu ensino.

Como mostrar-me à altura de tal situação? Eu não me via fazendo-o repetir ‘*œuf*’ nessa base intersideral. Por que ele me levou num lugar desses? Ele se dava conta do efeito que tinham sobre mim? Visivelmente, não.

— Você sempre morou nesta casa? — perguntei.

— Sim.

— É magnífica.

— Não.

Ele não tinha o direito de responder outra coisa. No entanto, não era completamente falso.

Apesar de tudo, a casa era simples. Em qualquer outro país, uma família tão rica teria ocupado um palácio. Mas comparado ao nível de vida de Tóquio, ao apartamento de seu amigo Hara, por exemplo, um palacete assim impressionava por sua grandeza, presença e calma.

Prossegui com a lição como pude, esforçando-me para não falar mais nem sobre a casa, nem sobre seus pais. Mas uma sensação de mal-estar não me largava. Eu tinha a sensação de estar sendo espiada. Só podia ser paranoia. O senhor e a senhora tinham classe demais para se darem o luxo de ter passatempos assim.

Pouco a pouco, tive a sensação de que Rinri dividia a minha suspeita. Ele olhava ao redor com desconfiança. Um fantasma assombraria o castelo de concreto? Interrompeu-me com um gesto e, na ponta dos pés, dirigiu-se até a escadaria.

Ele deu um grito e vi surgir, como de dentro duma caixa surpresa, um velho e uma velha que choravam de rir e dobraram o riso quando me viram.

— *Sensei*, apresento-lhe minha avó e meu avô.

— *Sensei! Sensei!* — vociferavam os velhacos que pareciam me tomar tanto por professora quanto por um trombone de vara.

— Senhora, senhor, olá...

Qualquer palavra minha, qualquer gesto fazia com que rissem até a demência. Faziam caretas, davam tapas nas costas do neto, nas minhas, bebiam o chá da minha taça. A velha tocou minha testa, gritou: “Como é branca!” e morreu de rir, imitada pelo marido.

Rinri os olhava sorrindo, sem perder a fleuma. Imaginei que eles deveriam ser senis e que eram admiráveis por manterem em casa esse malucos. Após uma interrupção duns dez

minutos, meu aluno se curvou em frente aos seus avós e pediu que voltassem aos seus cômodos para descansarem, pois deveriam estar cansados com tanto exercício.

Os velhos terríveis terminaram por obtemperar, mas não sem terem zombado um monte com a minha cara.

Eu não entendia tudo o que diziam, mas o sentido não me escapava. Quando eles desapareceram, olhei o jovem com pontos de interrogação nos olhos. Mas ele nada disse.

— Seus avós são... singulares — observei.

— Eles estão velhos — respondeu ele discretamente.

— Aconteceu alguma coisa? — insisti.

— Eles envelheceram.

Não sairia disso. Mudar de assunto foi uma tarefa difícil. Reparei um aparelho de som Bang & Olufsen e perguntei o que ele gostava de escutar. Falou sobre Ryuichi Sakamoto. Uma coisa foi levando à outra e chegamos ao fim duma lição que me cansou como nenhuma outra. Quando recebi o envelope, não pensei que o tivesse roubado. Ele me levou de volta sem dizer uma palavra.

Informe-me e soube que fenômenos assim são comuns no Japão. Nesse país onde as pessoas devem se comportar bem a vida toda, é frequente que percam a razão no limiar da velhice e se permitam os comportamentos mais insensatos, sem que isso impeça que seus familiares cuidem deles, conforme manda a tradição.

Achei isso heroico. Porém, à noite, fui tomada por pesadelos nos quais os antepassados de Rinri puxavam meu cabelo e beliscavam minhas bochechas gralhando de rir.

Quando a Mercedes imaculada ofereceu-me novamente sua hospitalidade, hesitei em entrar.

— Nós vamos a sua casa?

— Sim.

— Você não teme perturbar os seus pais e, sobretudo, os seus avós?

— Não. Eles viajaram.

Instalei-me ao lado dele.

Ele dirigia sem falar. Eu adorava que pudéssemos deixar o bate-papo de lado, sem gerar o menor desconforto. Eu podia observar melhor a cidade e, de vez em quando, o perfil incrivelmente imóvel do meu aluno.

Em sua casa, ele me preparou um chá verde, mas pegou para si uma Coca, detalhe que me impressionou porque nem mesmo pediu a minha opinião. Era óbvio que uma estrangeira iria se deleitar com esse refinamento japonês enquanto ele não tinha mais saco para essas nipônicas.

— Para onde a sua família viajou?

— Para Nagoya. É a cidade dos meus avós.

— Você vai lá de vez em quando?

— Não. É um lugar chato.

Eu gostava de suas respostas diretas. Soube que eram os pais da mãe dele. Os avós paternos não estavam mais aqui, notícia que me deixou aliviada: havia, portanto, apenas dois monstros nessa esfera.

Por curiosidade, ousei pedir-lhe para visitar a casa. Ele não se ofendeu e me guiou através dum labirinto de cômodos e escadas. A cozinha e os banheiros funcionavam à base de informática. Os quartos eram bastante simples, especialmente o dele: uma cama rudimentar cercada por uma biblioteca. Olhei os títulos: as obras completas de Kaiko Takeshi, seu escritor preferido, e também Stendhal e Sartre. Eu sabia que este último era adorado pelos japoneses que o achavam absurdamente exótico: ter náuseas diante duma pedra polida pelo mar constituía o contrário duma atitude nipônica e esse autor provocava a fascinação que suscita o estranho.

A presença de Stendhal me alegrou e impressionou mais. Disse-lhe que era um dos meus deuses. Ele derreteu. Eu o vi sorrir como nunca.

— É delicioso — disse ele.

Ele tinha razão.

— Você é um bom leitor.

— Acho que passei a minha vida nessa cama, lendo.

Olhei o *futon* emocionada, a imaginar o meu aluno atravessando os anos em cima dele com um livro na mão.

— Você progrediu muito em francês — observei.

Ele me designou com a mão aberta, como que para justificar.

— Não, não sou tão boa professora assim. Foi graças a você.

Ele deu de ombros.

Ao voltarmos, ele viu no museu um cartaz ilegível para mim.

— Você quer visitar essa exposição? — perguntou-me.

Eu tinha vontade de ver uma exposição sobre a qual eu não sabia nada? Sim.

— Virei buscá-la amanhã à tarde — disse ele.

Eu adorava a ideia de não saber se iria ver pintura, escultura ou uma retrospectiva de diversos trechos. Deveríamos ir às exposições sempre assim, por acaso, em total ignorância. Alguém quer nos mostrar algo: isso apenas basta.

Na noite seguinte, não entendi muita coisa a mais sobre o tema da exposição. Havia quadros provavelmente modernos, mas eu não tinha certeza; baixos-relevos dos quais eu seria incapaz de dizer uma palavra a respeito. Rapidamente, soube que o espetáculo estava na sala. O que mais me fascinava era o público de Tóquio que parava respeitosamente em frente a cada obra e observava longamente com seriedade.

Rinri fazia como eles. Terminei por perguntar:

— Você gostou?

— Não sei.

— Ficou interessado?

— Não muito.

Morri de rir. As pessoas me olharam incomodadas.

— Como seria se você estivesse interessado?

Ele não entendeu a minha pergunta. Não insisti.

Saindo do museu, alguém distribuía panfletos. Eu era incapaz de decifrá-los, mas adorava o zelo com o qual cada pessoa aceitava o papel e o lia. Rinri devia ter esquecido que eu quase não dominava os ideogramas porque após ter lido o seu panfleto, mostrou-o para mim e perguntou se eu gostaria de ir lá. Nada é mais irresistível do que um lá que leva a algo desconhecido. Aceitei com entusiasmo.

— Então eu irei buscá-la depois de amanhã à noite — disse ele.

Exultei com a ideia de não saber se iríamos a uma manifestação contra a energia nuclear, a um happening dalgum videasta ou a um espetáculo de *buto*. Como era impossível

determinar o código vestimentário, vesti-me neutra como nunca. Apostei que Rinri usaria a roupa de sempre. Realmente, ele estava vestido de si mesmo quando me levou ao que seria um vernissage.

Era um artista japonês do qual eu cuidadosamente esqueci o nome. Seus quadros eram duma chatice sem igual, o que não impediu que os espectadores se comportassem diante de cada obra com o respeito admirável e a paciência sublime que os caracterizam. Uma noite assim me reconciliaria com a espécie humana se o pintor não estivesse dolorosamente presente. Tive dificuldade em acreditar que esse homem de aproximadamente cinquenta anos pertencia ao mesmo povo, de tanto que era odioso. Muitas pessoas o felicitavam, até mesmo compravam uma ou várias telas que, a despeito de tudo isso, custavam uma fortuna. Ele olhava com desprezo os seres que certamente considerava como um mal necessário. Não pude evitar de ir falar com ele.

— Desculpe-me, não consigo entender a sua pintura. Você poderia me explicar?

— Não há nada para entender, nada para explicar — respondeu enjoado. — Há para se sentir.

— Precisamente, não sinto nada.

— Problema seu.

Entendido. Depois, pareceu-me que seu discurso era coerente. Desse vernissage, tirei um ensinamento que, como de praxe, nunca serviu para nada: se um dia eu me tornasse artista, com ou sem talento, eu iria expor no Japão. O público nipônico é o melhor do mundo e, além disso, ele compra. Independentemente do dinheiro, como deve ser bonito, para um criador, ver sua obra considerada com tamanha atenção!

Durante a lição seguinte, Rinri pediu que eu abordasse a questão do *vouvoiment*. Impressionou-me que tivesse dificuldade com isso um utilizador da língua portadora do sistema de polidez mais complicado de todas.

— Sim — disse ele. — Mas, por exemplo, nós usamos o “*vous*”. Por quê?

— Porque sou sua professora. É a formalidade.

Ele aceitou minha explicação sem reclamar. Refleti e acrescentei:

— Se houver algum problema, podemos optar por sermos mais informais.

— Não, não — disse ele, respeitando o que parecia tomar por um costume.

Orientei a lição para considerações mais ordinárias. Ao final, enquanto entregava-me o envelope, perguntou se poderia me buscar sábado à tarde.

— Aonde iremos? — interroguei.

— Jogar.

Adorei a resposta e aceitei.

Eu também tinha aulas e progredia em japonês como podia. Não demorou para que eu fosse mal vista. Toda vez que um detalhe me intrigava, eu levantava a mão. Os diversos professores por pouco não tinham um ataque cardíaco quando me viam erguer as falanges em direção ao céu. Eu achava que eles se calavam para que eu pudesse falar e corajosamente fazia a minha pergunta a qual respondiam dum modo estranhamente insatisfatório.

Isso durou até o dia em que um dos mestres, avistando o meu gesto rotineiro, começou a gritar comigo com uma violência formidável:

— Chega!

Fiquei paralisada, enquanto os outros estudantes me olhavam fixamente.

Após a aula, fui desculpar-me perante o professor, principalmente para saber qual era o meu crime.

— Não se faz perguntas ao *Sensei* — reprimiu o professor.



— Mas, e se eu não entender?

— Entende!

Eu soube então porque o ensino de línguas estava claudicante no Japão.

Houve também o episódio em que cada um teve de apresentar o seu país. Quando chegou a minha vez, tive a nítida impressão de ter herdado uma causa difícil. Todos falaram dum país conhecido. Eu fui a única a ter de precisar em qual continente se situava a minha nação. Cheguei a lamentar a presença de estudantes alemães, sem os quais eu poderia alegar qualquer coisa, mostrar o mapa duma ilha ao largo da Oceania, evocar costumes bárbaros como fazer perguntas ao professor. Tive de ater-me a uma exposição clássica, durante a qual vi os estudantes cingapurianos limparem os dentes de ouro com uma vontade que me desolou.

Sábado à tarde, a Mercedes me pareceu ainda mais branca do que o de costume.

Fui informada de que iríamos a Hakone. Como eu não sabia nada sobre o lugar, pedi maiores informações. Após atrapalhar-se um pouco, disse que eu veria. A estrada parecia interminável, cheia de pedágios.

Terminamos chegando num lago imenso rodeado de colinas e *tori* pitorescos. O lugar é visitado para pequenas excursões em barco ou pedalinho. Este último detalhe me deu vontade de rir. Hakone era a caminhada do domingo dos lamartinianos de Tóquio.

Demos voltas no lago numa espécie de balsa. Deleitei-me com o espetáculo das famílias japonesas que admiravam o local enquanto limpavam os bebês, namorados vestidos de namorados, mãos dadas.

— Você já trouxe sua namorada aqui? — perguntei.

— Eu não tenho namorada.

— No passado, você já teve namorada?

— Sim. Eu não a trouxe aqui.

Então eu fui a primeira a ter a honra. Deve ser porque eu era estrangeira.

Sobre o barco, um alto-falante tocava músicas piegas. Ele parou perto dum *tori*: descemos e efetuamos um percurso balizado e poético. Os casais paravam nos lugares previstos para isso e olhavam, emocionados, a vista do lago através do *tori*. As crianças faziam barulho como se quisessem avisar os namorados sobre o futuro de tanto romantismo. Eu me divertia.

Após esta escapada naval, Rinri me ofereceu um *kori*: eu adorava essas raspadinhas banhadas em xarope de chá cerimonial. Eu não comia uma desde a minha infância. Era de estalar nos dentes.

Durante o trajeto de volta, perguntei-me por que esse rapaz havia me levado à Hakone. Claro, encantei-me com a expedição típica, mas por que ele queria me mostrar aquilo? Sem dúvidas eu me fazia perguntas demais. Mais que os outros povos da Terra, os japoneses fazem as coisas por que se faz. E era muito bom assim.

Eu sentia que Rinri esperava um convite para ir a minha casa. Era o mínimo: fui tantas vezes à casa dele.

Entretanto, eu recusava obstinadamente. Levar quem quer que fosse a minha casa sempre foi uma provação terrível. Por definição e por motivos que me fogem à explicação, minha casa não é um lugar frequentável.

Desde que alcancei minha independência, um lugar habitado por mim imediatamente passa a se parecer com um depósito invadido por refugiados políticos, prontos para fugir ao menor sinal de batida policial.

No início de março, recebi um telefonema de Christine. Ela iria à Bélgica por um mês para ver sua mãe e pediu-me o favor de ficar em seu apartamento durante sua ausência para que regasse as plantas verdes. Aceitei e fui vê-la. Não acreditei no que vi: ela morava na ponta vanguardista das habitações de Tóquio, um apartamento sublime num prédio do futuro, com vista para outras construções futuristas. De boca aberta, escutei a explicação de Christine sobre essa maravilha completamente informatizada. As plantas verdes pareciam vestígios da pré-história com o único intuito de servirem de pretexto para eu morar nesse palácio durante um mês.

Esperei Christine partir impacientemente e mudei-me para a base interplanetária. Sem dúvida, não era a minha casa. Em cada cômodo, um controle-remoto permitia programar a música e, também, a temperatura e o que acontecia ao lado. Deitada sobre a cama, eu podia cozinhar os alimentos no micro-ondas, ligar a máquina de lavar e fechar as persianas da sala.

Além disso, o prédio estava situado a um passo da caserna de Ichigaya, onde Mishima cometera ritual de suicídio. Eu tinha a impressão de estar num lugar de importância fenomenal e não parava de explorar o apartamento escutando Bach, observando a misteriosa adequação do cravo com o panorama urbano de fantasia e o céu demasiadamente azul.

Na cozinha, a torradeira, inteligente, propulsava as torradas quando sentia que estavam no ponto. Escutava-se então uma campainha que me encantava. Eu programava concertos utilizando os sinais dos eletrodomésticos.

Dei o número do lugar a apenas uma pessoa e ela não demorou a ligar:

— Como é o apartamento?

— Para você, talvez pareça normal. Para mim, é incrível. Venha aqui segunda-feira para a lição, você verá.

— Segunda-feira? Hoje é sexta. Segunda está longe. Posso ir hoje à noite?

— Para jantar? Eu sou incapaz de cozinhar.

— Eu cuido de tudo.

Não encontrei nenhum pretexto para recusar, mesmo porque eu havia gostado. Era a primeira vez que meu aluno tomava as rédeas. Nenhuma dúvida de que o apartamento de Christine tinha algo com isso. Um terreno neutro muda as coisas.

Às dezenove horas, vi aparecer o rosto do rapaz na tela do interfone e o deixei entrar.

Ele chegou com uma mala novinha.

— Você vai viajar?

— Não, eu vim cozinhar.

Mostrei-lhe o apartamento que o impressionou menos que a mim.

— É bom — disse. — Você gosta de fondue suíço?

— Sim. Por quê?

— Ótimo. Eu trouxe o material.

Eu descobriria pouco a pouco o culto que os japoneses dedicam ao material destinado a cada ação da vida: o material para a montanha, o material para o mar, o material para o golfe

e, essa noite, o material para o fondue suíço. Na casa dele havia um cômodo bem arrumado com malas já prontas para estas diversas operações.

Diante dos meus olhos fascinados, o garoto abriu a mala específica e vi aparecer, organizados de modo fixo, um *réchaud* de propulsão intergaláctica, um *caquelon* antiaderente, queijo numa embalagem de isopor, uma garrafa de vinho branco anticongelante e crostas de pão não perecível. Ele colocou essas coisas impressionantes em cima da mesa de acrílico.

— Posso começar? — perguntou.

— Sim, mal posso esperar para ver isso.

Ele colocou o isopor e o anticongelante no *caquelon*, acendeu o *réchaud* que, curiosamente, não decolou em direção ao céu e, enquanto essas substâncias juntas provocavam diversas reações químicas, tirou da mala pratos se passando por tirolesas, garfos longos e taças ‘para o resto do vinho’.

Corri para buscar Coca na geladeira, segura de que cairia muito bem com o fondue, e enchi a minha taça.

— Está pronto — anunciou.

Sentamo-nos corajosamente frente a frente, arrisquei um pedaço de pão na ponta do garfo e o molhei na mistura. Retirei-o e fiquei maravilhada com o número fantástico de fios que tão logo se formaram.

— Sim — disse Rinri orgulhoso —, o processo dos fios foi um sucesso.

Os fios que, como todos sabem, são o verdadeiro objetivo do fondue suíço. Coloquei o objeto na boca e mastiguei: não tinha gosto algum. Percebi que os japoneses adoravam comer fondue suíço pelo lado lúdico da coisa e que haviam criado um que eliminava o único detalhe irritante deste prato tradicional: o sabor.

— Está excelente — afirmei, escondendo o riso.

Rinri sentiu calor e, pela primeira vez, pude vê-lo sem sua jaqueta preta de camurça. Fui buscar uma garrafa de tabasco, alegando que na Bélgica comemos fondue suíço com pimenta vermelha. Mergulhei um pedaço de pão no isopor quente, provoquei uma rede de mil fios, coloquei o cubo amarelo no meu prato e o reguei com tabasco para que tivesse algum gosto. O garoto observava a minha manobra e juro que seu olhar dizia: “Os belgas são pessoas estranhas”. O sujo falando do mal lavado.

Eu logo deixei o fondue contemporâneo de lado.

— Vai, Rinri, conta pra mim.

— Mas... você está usando o *tutoiement*!

— Após dividir um fondue assim com alguém, não há mais espaço para formalidades.

O poliestireno devia estar expandindo-se de novo no meu cérebro, que sintetizava o crescimento em forma dum delírio de experimentação. Enquanto Rinri queimava os miolos procurando algo para contar, apaguei o *réchaud* assoprando em cima dele, procedimento que surpreendeu o japonês, coloquei o resto do anticongelante na mistura para resfriá-la, e mergulhei as duas mãos nessa cola.

Meu anfitrião deu um grito:

— Por que você fez isso?

— Para ver.

Retirei minhas patas e diverti-me com o emaranhado de fios que agora as ligavam. Uma camada espessa de queijo falso as encobria.

— Como você vai se lavar?

— Com água e sabão.

— Não, é colante demais. O *caquelon* é antiaderente, não as suas mãos.

— É o que nós veremos.

De fato, o jato d'água da torneira e o detergente não reduziram em nada as minhas luvas amareladas.

— Vou tentar descascar as minhas mãos com uma faca de cozinha.

Sob o olhar aterrorizado de Rinri, dei início ao projeto. Aconteceu o que havia de acontecer: cortei a palma da minha mão e jorrou sangue da membrana plastificada. Levei o ferimento à boca para não transformar o lugar numa cena de crime.

— Permita-me — disse o garoto.

Ele ajoelhou-se, pegou uma das minhas mãos e começou a raspá-la com os dentes. Era o melhor método, sem dúvida, mas o espetáculo do cavaleiro ajoelhado diante da dama, segurando delicadamente as falanges para roer o isopor me fez explodir de rir. Nunca um galanteio me impressionou tanto.

Rinri não se desconcertou e raspou até o fim. A operação durou um tempo infinito durante o qual entendi a bizarrice da situação. Em seguida, como um artesão perfeccionista, limpou os meus dedos na pia com detergente e uma esponja abrasiva.

Quando terminou o trabalho, contemplou o resgate minuciosamente e suspirou de alívio. Esse episódio provocou nele uma catarse. Abraçou-me e não me largou mais.

Na manhã seguinte, acordei com a sensação de ter as mãos dolorosamente secas. Enquanto cobria-as de creme, lembrei-me da noite passada. Havia então um rapaz na cama. Qual estratégia adotar?

Fui acordá-lo e disse com muita doçura que, no meu país, a tradição exigia que o homem partisse juntamente com a alvorada. Já estávamos errados porque o sol já havia nascido. Colocaríamos este erro na conta do distanciamento geográfico. Entretanto, não poderíamos abusar deste argumento. Rinri perguntou se o costume belga autorizava que nos revíssemos.

— Sim — respondi.

— Passo para te buscar às quinze horas.

Constatei com prazer que as minhas lições sobre a segunda pessoa deram frutos. Ele se despediu gentilmente. Eu o vi se distanciar com sua mala de fondue suíço.

Assim que fiquei sozinha, senti uma grande alegria. Relembrei os acontecimentos com uma mistura de riso e estupefação. O que mais me impressionava de tudo não eram as excentricidades do Rinri, mas esta excentricidade suprema: eu tinha uma relação com alguém amável e charmoso. Em momento algum fui machucada com atos ou palavras. Eu não sabia que isso existia.

Preparei o meu meio litro de chá forte e o engoli olhando a caserna de Ichigaya pela janela. Nenhuma vontade de cometer *seppuku* naquela manhã. Mas uma necessidade fenomenal de escrever. Tóquio que se proteja da onda de choque: veríamos no que iria dar. Joguei-me sobre o papel em branco com a convicção de que a terra tremeria.

Curiosamente, não houve sismo. Dada a área em que estávamos, essa calma telúrica era uma estranheza que talvez devêssemos colocar na conta duma atualidade favorável.



Às vezes, eu parava de escrever e contemplava Tóquio pela janela de vidro pensando: “Tenho uma relação com um cara daqui”. Ficava estarecida e retomava a minha escrita. O dia todo se passou assim. Dias assim são excelentes.

No dia seguinte, a pontualidade da Mercedes só era comparável à sua brancura.

Rinri havia mudado. Seu perfil de condutor não era mais tão imóvel e impassível. Seu silêncio se intensificava com um embaraço interessante.

— Aonde vamos? — perguntei.

— Você verá.

Essa resposta se tornaria um de seus clássicos; seja o destino grandioso ou anedótico, minhas perguntas não eram respondidas com algo além de “você verá”. Voceverá era a Citera desse garoto, um lugar que se move com a única função de dar uma direção ao carro.

Este domingo inaugurava um Voceverá que se situava em Tóquio: o parque dos Jogos Olímpicos. A ideia parecia boa, pois tinha um significado, mas era indiferente para mim: mesmo sob as mais nobres bandeiras, as competições nunca conseguiram me cativar. Olhei o estádio e as instalações esportivas com a educação ideal dos desinteressados, escutei as explicações parcimoniosas de Rinri prestando atenção somente em seu progresso em francês: nas olimpíadas de línguas estrangeiras, ele ganharia medalha de ouro.

Estávamos longe de ser os únicos namorados, para retomar a terminologia habitual, andando ao redor do estádio. Eu adorava este lado “percurso obrigatório” das nossas tribulações: a tradição deste país deixou à disposição de casais dum dia ou duma vida um tipo de infraestrutura que evitava quebra-cabeças na hora de passar o tempo. Parecia um jogo de tabuleiro. Você sente algo por alguém? Em vez de refletir de meio-dia às quatorze horas sobre

a natureza exata do seu problema, leve esse alguém a uma casa qualquer do nosso banco imobiliário, ou melhor, do nosso bancosofia. Por quê? Você verá.

Voceverá era a melhor das filosofias. Rinri e eu não tínhamos a menor ideia nem do que faríamos nem de aonde iríamos. Parecendo que estávamos visitando lugares de interesse relativo, nós nos explorávamos com uma curiosidade benevolente. A primeira casa do bancosofia nipônico me encantava.

Rinri segurava minha mão, assim como todo namorado do percurso segurava a mão de quem o acompanhava. Diante do pódio, disse-me:

— Esse é o pódio.

— Ah — respondi.

Diante da piscina, disse-me:

— Essa é a piscina.

— Então é isso — respondi com a maior seriedade.

Eu não trocava o meu lugar com o de ninguém. Divertia-me demais e suscitava novas revelações, andando em direção ao ringue para escutar “esse é o ringue”, etc. Essas designações me alegravam.

Às dezessete horas, como um grande número de namoradas presentes, recebi um *kori* de romã. Mordi a raspadinha colorida com entusiasmo. Observando que os generosos doadores que estavam ao redor recebiam tenras manifestações de gratidão, não fui avarenta. Adorava a impressão de copiar as respostas das minhas vizinhas.

Ao cair da noite, começou a fazer frio. Perguntei ao Rinri o que o bancosofia havia previsto para a noite.

— Como? — interrogou.

Para ajudá-lo, convidei-o para o apartamento de Christine. Ele pareceu tão feliz quanto aliviado.

Voceverá era mais fantástico ainda no seio dum prédio refinado de Tóquio. A música de Bach ressoou assim que abri a porta.

— Esse é Bach — disse.

Era a minha vez.

— Gosto bastante — comentou Rinri.

Virei-me em sua direção e apontei-lhe o dedo:

— Esse é você.

Após o amor, não havia mais regras. Sobre o travesseiro, eu descobria alguém. Ele me olhava longamente e depois dizia:

— Que bonito você é.

Inglês mal traduzido em francês. Por nada no mundo eu o teria corrigido. Nunca haviam me achado bonito.

— As japonesas são muito mais bonitas — disse.

— Não é verdade.

Alegrei-me com seu mau gosto.

— Conte-me sobre as japonesas.

Ele deu de ombros. Insisti. Ele terminou por dizer:

— Não posso te explicar. Elas me irritam. Elas não são elas mesmas.

— Talvez eu não seja eu mesma também.

— Não. Você está aqui, você existe, você olha. Elas ficam o tempo todo se perguntando se gostam delas. Só pensam em si mesmas.

— A maioria das ocidentais também.

— Meus amigos e eu temos a impressão de que, para essas garotas, nós somos espelhos.

Fingi estar me olhando nele, penteando o cabelo. Ele riu.

— Você fala muito sobre mulheres com os seus amigos?

— Não muito. É embaraçoso. E você? Fala de homens?

— Não, é íntimo.

— As japonesas são o contrário. Com o garoto, é o maior pudor. E aí elas vão contar tudo para as amigas.

— As ocidentais fazem a mesma coisa.

— Por que você diz isso?

— Para defender as japonesas. Deve ser difícil ser japonesa.

— Também é difícil ser japonês.

— Com certeza, conte.

Ele se calou. Respirou. Vi seus traços se metamorfosearem.

— Aos cinco anos, como todas as outras crianças, fiz as provas para tentar entrar numa das melhores escolas primárias. Se eu tivesse conseguido, eu poderia, um dia, estudar numa das melhores universidades. Aos cinco anos, eu sabia. Mas não consegui passar.

Percebi que ele tremia.

— Meus pais não disseram nada. Estavam decepcionados. Meu pai, aos cinco anos, havia conseguido. Esperei a noite e chorei.

Ele caiu em prantos. Peguei seu corpo todo contraído de sofrimento em meus braços. Haviam me contado sobre essas horríveis seleções nipônicas, impostas mil vezes cedo demais a crianças conscientes do que estava em jogo.

— Aos cinco anos, eu soube que não era inteligente o bastante.

— Mentira. Aos cinco anos, você soube que não havia sido selecionado.

— Senti que meu pai pensava: “Não tem problema. Ele é meu filho, assumirá o meu lugar”. Minha vergonha começou e não teve fim.

Abracei-o murmurando palavras de conforto, garantindo-lhe de que era inteligente. Ele chorou por um longo tempo e adormeceu.

Fui contemplar a noite duma cidade onde, todos os anos, a maioria das crianças de cinco anos descobre que fracassou na vida. Pareci escutar concertos de lágrimas sufocadas ressoando.

Rinri se virava sendo o filho de seu pai: era compensar uma dor por uma vergonha. Mas os outros que reprovavam nos testes sabiam desde a mais tenra idade que seriam, no máximo, carne para empresas, assim como havia carne para canhão. E ficamos impressionados com o tanto de adolescentes nipônicos que se suicidam.

Christine voltaria em apenas três semanas. Propus que aproveitássemos o apartamento ao máximo. A partida de bancosofia continuaria após o seu retorno. O jovem gostou da minha sugestão.

No amor como em qualquer coisa, a infraestrutura é essencial. Olhando a caserna de Ichigaya pela janela, perguntei ao Rinri se ele gostava de Mishima.

— É magnífico — disse.

— Que surpresa. Alguns europeus me afirmaram que se trata dum escritor mais apreciado por estrangeiros.

— Os japoneses não gostam muito de sua personalidade. Mas a obra é sublime. Seus amigos europeus disseram algo estranho, pois é principalmente em japonês que é bonito. Suas frases são música. Como traduzir isso?

Gostei dessa declaração. Como não seria tão cedo que eu conseguiria decifrar os ideogramas necessários, pedi que lesse Mishima em voz alta para mim. Ele o fez de bom grado e tremi ao escutá-lo recitar *Kinjiki*. Estava longe de compreender tudo, a começar pelo título.

— Por que “as cores proibidas”?

— Em japonês, cor pode ser sinônimo de amor.

A homossexualidade foi proibida pela lei nipônica durante muito tempo. Tão deliciosa quanto fosse esta equivalência entre cor e amor, Rinri abordava com isso um assunto delicado. Eu nunca falava de amor. Ele abordava a questão frequentemente, eu me virava para mudar de conversa. Pela janela, observávamos, com lunetas, o florescer das cerejeiras do Japão.

— A tradição pede que eu cante para você, bebendo saquê, sob as flores de cerejeira, à noite.

— Duvido.

Debaixo da cerejeira mais próxima, Rinri cantou algumas bobagens para mim. Eu ri, ele ficou mordido:

— Eu canto o que penso.

Engoli o saquê num gole só para evacuar o embaraço. Estes brotos eram perigosos, exaltavam o sentimentalismo do rapaz.

De volta ao apartamento tecnológico, acreditei estar em lugar seguro. Errado: tive direito a palavras de amor da altura do prédio. Escutei-as com coragem e fiquei calada. Felizmente, o garoto aceitou meu silêncio.

Eu gostava demais dele. Não se pode dizer isso ao namorado. Que pena. Da minha parte, gostar muito dele significava muito.

Ele me fazia feliz.

Eu ficava sempre alegre em vê-lo. Tinha amizade por ele, ternura. Quando não estava presente, eu não sentia falta. Era essa a equação do meu sentimento por ele e eu achava essa história maravilhosa.

Por isso eu temia declarações que exigissem resposta ou, pior, reciprocidade. Mentir neste caso era um suplício. Eu descobria que meu medo era infundado. De mim, Rinri esperava apenas que eu o escutasse. Como ele tinha razão! Escutar alguém é incrível! E eu o escutava com fervor.

O que eu sentia por esse garoto não tinha nome em francês moderno, mas tinha em japonês, onde o termo *koi* era oportuno. *Koi*, em francês clássico, pode ser traduzido por *goût*. Eu tinha gosto por ele. Ele era meu *koibito*, aquele com quem eu compartilhava o *koi*: sua companhia era do meu gosto.

Em japonês moderno, todos os jovens casais não casados qualificam seus parceiros de *koibito*. Um pudor visceral banuiu a palavra amor. Salvo em casos de acidente ou acesso de delírio passional, não se usa essa enorme palavra, reservada à literatura ou coisas do tipo. Eu

tinha de trombar com o único nipônico que não desdenhava nem de tal vocabulário nem das maneiras ad hoc. Mas eu me confortava pensando que o exotismo linguístico deva ter contribuído largamente com essa bizarrice. Fazia diferença se as declarações de Rinri voltadas a uma francófona fossem enunciadas em francês ou em japonês: a língua francesa representava, sem dúvida, um território ao mesmo tempo prestigioso e licencioso onde se pode andar com sentimentos inadmissíveis.

O amor é um elã tão francês que alguns veem nele uma invenção nacional. Sem ir tão longe, reconheço que há nessa língua um espírito amoroso. Talvez pudéssemos considerar que Rinri e eu havíamos contraído a inclinação típica da língua um do outro: ele brincava de amor, entusiasmado pela novidade, e eu me deleitava com *koi*. O que provava como nós dois estávamos abertos à cultura um do outro.

*Koi* tinha apenas um defeito: seu nome, homônimo perfeito da carpa, o único animal que sempre me causou repulsa. Felizmente, esta coincidência não era acompanhada de nenhuma outra semelhança: embora no Japão as carpas simbolizem os garotos, o sentimento que eu tinha por Rinri em nada lembrava o peixe gordo lamacento da boca imunda. *Koi* me encantava, ao contrário, pela leveza, pela fluidez, pelo frescor e pela ausência de seriedade. *Koi* era elegante, lúdico, engraçado, civilizado. Um dos charmes de *koi* consistia em parodiar o amor: retomávamos certas atitudes mais pela pura brincadeira do que para denunciar o que quer que fosse.

No entanto, eu me esforçava para esconder o riso e não machucar Rinri; a falta de humor no amor é notória. Suspeito que ele soubesse que, por ele, eu sentia *koi* e não *ai* — palavra tão bonita que eu às vezes lamentava não poder empregá-la. Caso ele não tenha se entristecido com isso, certamente foi por consciência inaugural: ele deve ter entendido que era o meu primeiro *koi*, assim como eu era seu primeiro amor. Porque embora eu tenha me apaixonado em diversas oportunidades, eu nunca tivera gosto por alguém.



Entre estas duas palavras, *koi* e *ai*, não há variação de intensidade, há uma incompatibilidade essencial. Ficamos atraídos por quem temos gosto? Impensável. Apaixonamo-nos por quem não suportamos, por quem representa um perigo insuportável. Schopenhauer vê no amor um estratagema do instinto de procriação: não consigo expressar o horror que tenho por essa teoria. No amor, vejo um estratagema do meu instinto para não assassinar o outro: quando sinto necessidade de matar uma pessoa específica, acontece dalgum mecanismo misterioso — reflexo imunitário? — fantasia de inocência? — medo de ir para a cadeia? — fazer com que eu me cristalice ao redor dessa pessoa. E é assim que, pelo que eu saiba, ainda não tenho assassinatos nas minhas costas.

Matar Rinri? Que ideia atroz e ainda mais absurda! Matar um ser tão gentil e que suscitava apenas o melhor em mim! Além disso, eu não o matei, o que prova bem que não era necessário.

Não é por acaso que escrevo uma história na qual ninguém tem vontade de massacrar alguém. Deve ser isso, uma história de *koi*.

Era Rinri quem preparava as refeições. Ele cozinhava mal, mas melhor do que eu, o que é o caso da humanidade inteira. Teria sido uma pena se os suntuosos eletrodomésticos da Christine não tivessem servido para nada. Serviram para pratos de massas duvidosos que ele chamava de *carbonara* — sua interpretação desse clássico consistia em incorporar todas as variedades de gorduras registradas no planeta em 1989. É bem sabido que os japoneses fazem comidas leves. Mais uma vez, não excluí a hipótese de ter sido o pretexto duma liberação cultural.

Em vez de fazê-lo entender que estava intragável, falei-lhe sobre a minha paixão por sashimis e sushis. Ele fez cara feia.

— Você não gosta? — perguntei.

— Gosto, gosto — disse-me educadamente.

— Deve ser difícil de preparar.

— Sim.

— Você poderia comprar pronto.

— Você quer tanto assim?

— Por que você diz que gosta se não gosta?

— Eu gosto. Mas quando como isso, tenho a impressão de estar num jantar em família com a presença dos meus avós.

Argumento plausível.

— Além disso, quando comemos juntos, eles ficam o tempo todo falando que faz bem à saúde. É um saco — acrescentou.

— Entendo. E isso dá vontade de comer coisas que fazem mal à saúde, como espaguete à carbonara — disse.

— Faz mal à saúde?

— A sua versão faz, sem dúvida.

— É por isso que é delicioso.

Seria ainda mais difícil de pedir-lhe que cozinhasse outra coisa.

— Que tal se eu fizesse fondue de novo? — propôs.

— Não.

— Você não gostou?

— Gostei, mas é uma lembrança tão especial. Repeti-la iria nos trazer apenas decepções.

Ufa. Encontrei uma boa desculpa.

— E o *okonomiyaki* que dividimos com seus amigos?

— Sim, esse é fácil.

Salva. Este se tornou o nosso prato fetiche. A geladeira sempre estava cheia de camarões, ovos, repolho e gengibre. Um Tetra Pak de molho de ameixas reinava sobre a mesa.

— Onde você compra esse excelente molho? — perguntei.

— Temos em estoque na minha casa. Meus pais o trouxeram de Hiroshima.

— Então quando não tiver mais, você terá de voltar.

— Eu nunca fui lá.

— Que bom. Você não viu nada em Hiroshima. Nada.

— Por que você diz isso?

Expliquei-lhe que estava parodiando um clássico do cinema literário francês.

— Eu não vi esse filme — indignou-se.

— Você pode ler o livro.

— Qual é a história?

— Prefiro não contar e deixar que você descubra.

Durante o tempo que passávamos juntos, não colocávamos o nariz do lado de fora. O retorno de Christine aproximava-se a passos largos. Aterrorizados, planejávamos sair do apartamento que desempenhou um papel tão importante na nossa relação.

— Nós poderíamos barricar a porta — sugeri.

— Você faria isso? — disse com uma assustada admiração.

Eu adorava que ele acreditasse que eu fosse capaz de tão más ações.

Nós passávamos bastante tempo no banheiro. A banheira tinha a dimensão duma baleia oca, para o interior da qual os eventos seriam sugados.

Rinri, em respeito à tradição, lavava-se completamente no lavabo antes de entrar no banho: não é permitido sujar a água da honorável banheira. Eu não conseguia submeter-me a um costume que achava tão absurdo. É como colocar pratos limpos num lava-pratos.

Expliquei-lhe meu ponto de vista.

— Você pode ter razão — disse —, mas sou incapaz de me comportar de outra forma. Profanar a água do banho está acima das minhas forças.

— Enquanto que proferir blasfêmias sobre a comida japonesa não é nenhum problema para você.

— Isso mesmo.

Ele tinha razão. Cada um com seus bastiões de reacionarismo, isso não tem explicação.

O banho-baleia às vezes me dava a impressão de mexer e puxar seus ocupantes para o fundo do mar.

— Você conhece a história de Jonas? — perguntei.

— Não fale sobre baleias. Nós vamos brigar.

— Não diga que você é um dos nipônicos que as comem?

— Eu sei que não devia. Não tenho culpa se é tão bom.

— Eu experimentei, é repugnante!

— Viu? Se você tivesse gostado, não acharia nosso hábito chocante.

— Mas as baleias estão ameaçadas de extinção!

— Eu sei. Estamos errados. O que você quer? Quando penso no gosto da carne, eu salivo. Não consigo evitar.

Ele não era o japonês típico. Assim, ele havia viajado muito, mas sozinho e sem câmera fotográfica.

— São coisas que eu escondo dos outros. Se meus pais soubessem que eu ia sozinho, eles teriam ficado preocupados.

— Achariam perigoso?

— Não. Eles ficariam preocupados com a minha saúde mental. Aqui, gostar de viajar sem companhia é se passar por louco. Na nossa língua, a palavra ‘sozinho’ contém a ideia de desespero.

— Mas há eremitas famosos no seu país.

— Justamente. Considera-se que para gostar da solidão é preciso ser monge.

— Por que seus compatriotas ficam tão agrupados no estrangeiro?

— Eles gostam de ver pessoas diferentes e, ao mesmo tempo, estar próximos de seus semelhantes para se reafirmarem.

— E essa necessidade de fotografar?

— Não sei. Isso me irrita, ainda mais porque todos tiram fotos idênticas. Deve ser para terem uma prova de que não sonharam.

— Eu nunca vi você com uma câmera fotográfica.

— Eu não tenho.

— Você, que tem todas as bugigangas do mundo, incluindo um *réchaud* para comer fondue suíço numa nave espacial, não tem câmera fotográfica?

— Não. Não tenho interesse nisso.

— Rinri do céu.

Ele me perguntou o sentido desta expressão. Expliquei-lhe. Ele achou tão estranho que, fascinado, passou a dizer vinte vezes por dia: ‘Amélie do céu’.

Certa tarde começou a chover bruscamente e, depois, a cair granizo. Olhei o espetáculo pela janela do prédio comentando:

— Oras, no Japão também tem saraivadas.

Escutei por detrás de mim o eco de sua voz repetindo:

— Saraivada.

Entendi que ele havia acabado de descobrir essa palavra, que o contexto lhe havia precisado o sentido e que ele a pronunciava para fixá-la na mente. Eu ri. Ele pareceu entender minha surpresa, pois disse:

— Eu do céu.

Início de abril, Christine chegou da Bélgica. Na minha bondade, devolvi-lhe o apartamento. Rinri pareceu mais abatido do que eu. Nossa relação teve de tomar um caminho mais errático. Não fiquei totalmente descontente. Sentia um pouco de falta do bancosofia.

Retornei ao castelo de concreto. Os pais do garoto não me chamavam mais de *Sensei*, o que mostrou como eram perspicazes. Os avós mais do que nunca me chamavam de *Sensei*, o que confirmou como eram perversos.

Enquanto eu tomava chá com todas essas pessoas, o pai me mostrou uma joia que acabara de criar. Era um colar estranho, algo entre um móbile e uma riviéra de ônix.

— Você gostou? — perguntou.

— Gostei da associação de preto com prata. É elegante.

— É seu.

Rinri o colocou no meu pescoço. Fiquei confusa. Quando nos encontramos a sós, eu disse:

— Seu pai me ofereceu um presente magnífico. Como posso retribuir?

— Se você lhe der alguma coisa, ele oferecerá ainda mais.

— O que devo fazer?

— Nada.

Ele tinha razão. Para evitar a escalada de generosidade, a única solução é aceitar as suntuosas oferendas corajosamente.

Enquanto isso, eu havia retornado à minha moradia. Rinri era delicado demais para pedir que o recebesse em casa, mas jogava indiretas que eu cuidadosamente evitava pescar.

Ele me ligava com frequência. Expressava-se com uma graça involuntária que me encantava porque era para ser sério:

— Olá, Amélie. Eu gostaria de conhecer o seu estado de saúde.

— Excelente.

— Em tais condições, você gostaria de me encontrar?

Eu morria de rir. Ele não entendia por quê.

Rinri tinha uma irmã de dezoito anos que estudava em Los Angeles. Certo dia, ele anunciou que ela viria a Tóquio para passar curtas férias.

— Busco você hoje à noite para apresentá-la.

Em sua voz, tremia uma solenidade emocionada. Preparei-me para viver algo importante.

Após me sentar na Mercedes, virei-me para cumprimentar a jovem garota que estava instalada no banco de trás. Sua beleza me deixou impressionada.

— Amélie, essa é a Rika. Rika, essa é a Amélie.

Ela me cumprimentou com um sorriso encantador. Fiquei decepcionada com o seu nome, mas não com o resto de sua pessoa. Era um anjo.

— Rinri falou muito sobre você — disse ela.

— Ele falou muito sobre você também — inventei.

— Todas as duas estão mentindo. Eu nunca falo muito.

— É verdade, ele nunca diz nada — retomou Rika. — Ele falou muito pouco sobre você. Por isso estou convencida de que ele te ama.

— Sendo assim, ele também te ama.

— Você não fica com raiva se eu falar americano? Eu cometo muitos erros em japonês.

— Não sou eu quem iria notá-los.

— O Rinri não para de me corrigir. Ele me quer perfeita.



Ela estava além da perfeição. O garoto nos conduziu ao parque Shirogane. Ao cair da noite, o lugar ficava tão deserto que parecia que estávamos longe de Tóquio nalguma floresta mítica.

Rika desceu do carro com uma sacola e a abriu. Tirou um lençol de seda e dispôs saquê, copos e bolos sobre ele. Sentou-se sobre o tecido e nos convidou a imitá-la. Sua graça me deslumbrava.

Enquanto bebíamos em homenagem a esse encontro, perguntei-lhe quais eram os ideogramas que formavam o seu nome. Ela me mostrou.

— O país dos perfumes! — exclamei. — É maravilhoso e cai muito bem em você.

Conhecendo o significado nipônico, não achei mais que fosse feio.

A vida californiana a deixara muito menos fechada que seu irmão. Ela tagarelava numa forma encantadora. Eu bebia suas palavras. Rinri parecia tão hipnotizado quanto eu. Nós a contemplávamos como um lindo fenômeno natural.

— Bom — disse ela repentinamente. — E o fogo de artifício?

— Já vou — disse o garoto.

Meu queixo caiu. Rinri pegou no porta-malas uma mala destinada aos fogos de artifício, da mesma forma que havia a mala do fondue suíço. Ele colocou no chão um material pirotécnico e nos avisou que estava para começar. Logo o céu projetou explosões de cores e estrelas enquanto provocava o êxtase da jovem garota.

Sob o meu olhar ofuscado, o irmão dava à irmã não uma prova, mas uma manifestação de amor. Nunca eu havia me sentido tão próxima dele.

Quando as auroras boreais terminaram de crepitar sobre nossas cabeças, Rika exclamou, desolada:

— Já acabou?

— Ainda restam os foguetes — disse o garoto.

Ele pegou na mala alguns feixes de galhos finos e os distribuiu por punhados. Acendeu apenas um que propagou o incêndio em todas as extremidades. Cada vareta emitiu um facho de centelhas giratórias.

A noite argentava os bambus do parque Shirogane. Nosso apocalipse de vaga-lumes projetava ouro sobre a alvura fosca. Os irmãos maravilhavam-se com seus espetinhos de estrelas. Dei-me conta de que estava com duas crianças que se amavam e essa visão me emocionava profundamente.

Admitirem-me entre eles era um presente! Mais do que uma manifestação de amor, era uma manifestação de confiança.

Os algodões-doces de luz acabaram se apagando, mas o charme continuou. A jovem garota suspirou de alegria:

— Muito bom!

Eu dividia feliz o amor de Rinri por essa garotinha feliz. Havia algo nervaliano nessa atmosfera de festa morrente com jovem garota lendária. Nerval no Japão, quem diria?

No dia seguinte, Rinri me levou para comer talharim chinês num botequim.

— Eu gosto da Rika — disse.

— Eu também — respondeu com um sorriso emocionado.

— Sabe, nós dois temos um estranho ponto em comum. Eu também amo a minha irmã que vive longe. Ela se chama Juliette e deixá-la foi um suplício.

Mostrei-lhe uma foto da minha irmãzona sagrada.

— Ela é bonita — comentou olhando com atenção.

— Sim, e mais do que bonita. Sinto falta dela.

— Entendo. Quando Rika está na Califórnia, sinto uma saudade terrível.

Diante da minha tigela, tornei-me elegíaca. Disse-lhe que apenas ele poderia compreender como eu estava amputada pela ausência de Juliette. Contei-lhe sobre a força da ligação que sempre nos uniu, como eu a amava, e a violência absurda que infligi em mim mesma ao separar-me dela.

— Eu precisava voltar ao Japão, mas era preciso viver essa separação atroz?

— Por que ela não te acompanhou?

— Ela quer morar na Bélgica, onde tem seu trabalho. Ela não tem a minha paixão pelo seu país.

— Igual à Rika. O Japão não a faz sonhar.

Como era possível que seres tão deliciosos como as nossas irmãs não fossem fascinadas por este país? Perguntei-lhe o que a jovem garota estudava na Califórnia. Ele respondeu que o programa era muito vago, que na realidade ela era amante dum certo Tchang, um chinês que reinava no submundo de Los Angeles.

— Você não imagina como ele é rico — disse com um divertido desespero.

De boca aberta, perguntei-me como era possível que um anjo caído do céu tenha escolhido viver com um chefão do crime. “Não seja estúpida, disse para mim mesma, as coisas são assim desde que o mundo é mundo.” Na minha cabeça, de repente vi Rika com um boá de plumas ao redor do pescoço, calçando salto agulha e andando de braços dados com um chinês vestido de terno branco. Morri de rir.

Rinri deu um sorriso cúmplice. Nossas respectivas irmãs apareceram no caldo do talharim. Nossa relação fazia sentido.

## RELATÓRIO

Tendo em consideração os pressupostos teóricos que foram abordados durante o trabalho, procuro com este relatório explicitar algumas das decisões ditas conscientes que foram tomadas durante o processo tradutório.

A primeira questão pertinente diz respeito ao estilo da autora. Amélie Nothomb alterna momentos de frases curtas e diretas com trechos mais longos. Além disso, escreve em francês correto e, por vezes, utiliza palavras ou construções pouco comuns, como observado anteriormente.

Nesta obra especificamente, alguns pontos precisam ser considerados para a compreensão do processo tradutório:

O primeiro ponto é que Amélie e Rinri são formais na primeira parte da história, quando ainda estão se conhecendo. Não é apenas uma questão de língua, mas de cultura. Além de o costume japonês exigir polidez, num primeiro momento Amélie explica que a formalidade é necessária por se tratar de uma relação entre aluno e professora. Nesta parte, a utilização do *vous* é acentuada e mesmo discutida entre os personagens. Já no início do romance, fiz questão de marcar que há um distanciamento entre as personagens:

— Vous êtes le professeur de français ? (p.7)
— A senhora é a professora de francês?

Após os personagens se tornarem íntimos e Amélie permitir o *tutoiement*, os diálogos ficam mais informais e naturais, mesmo porque o nível de francês do personagem japonês também melhora ao longo da história. Como não posso recorrer ao uso de “vós” e “tu” para marcar essa diferença de registro, optei pela utilização de “você” seguida de uma

formalidade até mesmo incomum de ser vista em diálogos. Desta forma, é possível que alguns trechos causem certa estranheza ao leitor, mas ela é desejável, visto que procurei manter uma forma que mesmo em francês parece artificial, resultado da linguagem excessivamente correta e por vezes pedante da autora durante os diálogos.

Explico ainda que se o uso de “senhora” no início da história não foi mantido ao longo da tradução, isso se dá porque os personagens têm idades aproximadas e tornam-se amigos, diminuindo assim a hierarquia que existia no momento do primeiro encontro. Também por causa dessa questão de hierarquia, Amélie não responde ao Rinri chamando-o de senhor, visto que é aluno e mais novo, sendo este um comportamento observável em situações reais do mesmo tipo.

Na segunda parte do livro, quando há o *tutoiement*, utilizo as formas pessoais oblíquas do pronome de 2<sup>a</sup> pessoa, da mesma forma que as utilizamos comumente, podendo ser mescladas com o pronome “você”. São esses diferentes momentos e necessidades que justificam escolhas como:

— Sensei, je vous présente ma grand-mère et mon grand-père. (p.26)
--

— <i>Sensei</i> , apresento-lhe minha avó e meu avô.
--

— Hara, je te présente Amélie, ma maîtresse. (p.14)
---

— Hara, eu te apresento Amélie, minha mestra. (Rinri fala com o amigo Hara de modo informal)
--

Outro fator que pode causar estranhamento quanto às falas tem a ver com o fato de haver personagens japoneses falando francês sem ainda terem competência linguística para isso. No caso de Rinri, para exemplificar, seu nível de francês é muito baixo no início da história e tende a melhorar ao longo dos capítulos. Isto faz com que haja confusões quanto ao

que é dito, visto que os personagens parecem falar francês tendo a língua japonesa ou inglesa como base para suas escolhas linguísticas.

Desta forma, ao traduzir as falas dos personagens japoneses, tomei o cuidado de manter qualquer estranhamento que fosse causado, visto que se o livro em francês preserva o estrangeiro, através de construções incomuns e jogos de palavras, a versão em português também deveria fazê-lo. Por este mesmo motivo, isto é, por querer evidenciar o que há de estrangeiro na obra, também foram mantidos termos em francês que de alguma forma são relevantes.

Dito isto, seguem alguns exemplos de confusões linguísticas, jogos de palavras ou simplesmente curiosidades que exigiram uma reflexão maior de acordo com o contexto:

— Hara, je te présente Amélie, ma maîtresse.

J'eus beaucoup de mal à cacher mon hilarité qui eût découragé d'aussi louables efforts. Je n'allais pas rectifier devant son ami : c'eût été lui faire perdre la face.

...

— Je vous présente Hara mon ami, et Amélie ma maîtresse.

La jeune femme me regarda brièvement. Je simulai l'indifférence et présentai Christine aux jeunes gens. À cause de ce malentendu, et de peur de paraître une dominatrice en amour, je n'osai plus donner de consigne à mon élève. (p.14)

— Hara, eu te apresento Amélie, minha mestra.

Tive muita dificuldade para segurar o riso que desencorajaria tão louváveis esforços. Eu não iria corrigi-lo na frente de seu amigo: isso o faria perder a face.

...

— Apresento-lhe Hara, meu amigo, e Amélie, minha mestra.

A jovem mulher me olhou brevemente. Simulei indiferença e apresentei Christine aos rapazes. Por causa desse mal-entendido, e por medo de parecer uma dominatrix,

não ousei mais dar instruções ao meu aluno.

A confusão começa quando Rinri parte da ideia de que o professor é o mestre (*sensei*, *maître*) e acha natural passar o substantivo para o feminino ao se referir a sua professora. Entretanto, ao ler *maîtresse*, o leitor entende que ele chama Amélie de amante ou dominadora, o que explica o embaraço causado por Rinri. Após cogitar a manutenção do termo em francês e mesmo a alteração da piada, entendi que a tradução de *maîtresse* por mestra seria satisfatória. Perde-se a conotação de amante, mas é mantida a ideia de uma palavra antiquada para professora e, principalmente, o sentido de dominadora que é explicitado na versão francesa. Como Amélie fala em *dominatrice en amour*, este sentido era mais importante do que o de amante simplesmente. Desta forma, a palavra mestra funciona nesta tentativa de fazer humor, visto que é utilizada como sinônimo de dominatrix, havendo inclusive relações entre mestras e aprendizes neste meio.

Pour retomber sur mes pattes, je parlai de n'importe quoi : quels aliments mangeait-il ? Péremptoire, il répondit :

— Ourrrrhhhh.

Je croyais connaître la cuisine japonaise, mais cela, je n'avais jamais entendu. Je lui demandai de m'expliquer. Sobrement, il répéta :

— Ourrrrhhhh.

Oui, certes, mais qu'était-ce ?

Stupéfait, il me prit le carnet des mains et traça le contour d'un oeuf. Je mis plusieurs secondes à recoller les morceaux dans ma tête et m'exclamai :

— OEuf !

Il ouvrit les yeux comme pour dire : Voilà !

— On prononce oeuf, enchaînai-je, oeuf.

— Ourrrrhhhh.

— Non, regardez ma bouche. Il faut l'ouvrir davantage : oeuf.

Il ouvrit grand la bouche :

— Orrrrhfff. (p.11)

Para fugir do embaraço, falei qualquer coisa: que alimentos ele comia? Peremptório, respondeu:

— Uurrrrhhhh.

Eu acreditava conhecer a cozinha japonesa, mas isso eu nunca havia escutado. Pedi-lhe que me explicasse. Sobriamente, repetiu:

— Uurrrrhhhh.

— Sim, claro, mas o que era isso?

Atônito, tomou-me o caderno das mãos e traçou o contorno dum ovo. Levei vários segundos montando os pedaços na cabeça e exclamei:

— *œuf!*

Ele abriu os olhos como se dissesse: *Voilà!*

— Pronuncia-se *œuf* — emendei —, *œuf*.

— Uurrrrhhhh.

— Não, olhe a minha boca. É preciso abrir mais: *œuf*.

Ele abriu bem a boca:

— Orrrrhfff.

Este excerto traz uma adaptação fonética e a manutenção de palavras francesas com a finalidade de evidenciar como ocorreu a aula de francês. Como o livro brinca com as diferenças entre as duas línguas e culturas, considerei importante não apagar traços e palavras-chave de trechos em que isso fosse mais evidente. Não era minha intenção fazer uma



tradução que fosse lida como se fosse um texto original em português. Entretanto, não podendo considerar que todos os leitores compreendam francês, foi preciso adotar algumas estratégias para que a manutenção de termos estrangeiros não prejudicasse a leitura.

Desta forma, ‘ ‘ Ourrrrhhhh’’ passou a ser ‘ ‘ Uurrrrhhhh’’, de modo que o leitor brasileiro leia o diálogo mentalizando um som parecido com o som que o leitor francês imagina ao se deparar com a piada. Como estes sons são a tentativa de Rinri falar francês, manteve a palavra *œuf* tal qual quando Amélie tenta ensiná-lo a pronúncia correta, traduzindo-a por ovo apenas quando ela mesma, de maneira didática, explica o significado dos sons.

Além disso, *voilà* foi mantido por se tratar de uma expressão conhecida mundialmente e contribuir para o ‘ ‘lado francês’’ do diálogo. Por este mesmo motivo, também outras palavras foram mantidas ao longo da obra, como *savoir-vivre* (p.13), por exemplo. *Cervoise* (p.22), palavra antiga para *bière* e sem tradução exata em português, foi mantida tal qual por ser usada por apreciadores para designar a cerveja sem lúpulo.

Há, ainda, palavras francesas que não foram traduzidas por estarem se tornando comuns entre falantes brasileiros. Vejamos:

Devant mes yeux fascinés, le jeune homme ouvrit la valise spécifique et je vis apparaître, disposés d’inamovible façon, un réchaud à propulsion intergalactique, un caquelon anti-adhésif, un sachet de fromage en polystyrène expansé, une bouteille de vin blanc antigel et des croûtons de pain imputrescible. Il transféra ces choses remarquables sur la table en Plexiglas. (p.42)

Diante dos meus olhos fascinados, o garoto abriu a mala específica e vi aparecer, organizados de modo fixo, um *réchaud* de propulsão intergaláctica, um *caquelon* antiaderente, queijo numa embalagem de isopor, uma garrafa de vinho branco anticongelante e crostas de pão não perecível. Ele colocou essas coisas impressionantes em cima da mesa de acrílico.

A manutenção de *réchaud*, *caquelon* e *fondue* é justificada porque cada vez mais essas palavras são utilizadas pelo consumidor brasileiro. Uma pesquisa por materiais para o preparo de *fondue* nos mostra os equipamentos sendo vendidos em supermercados com os nomes franceses citados acima.

Outro ponto importante diz respeito aos nomes próprios que aparecem durante a obra. Enquanto todos os nomes de personagens foram mantidos tais quais, os nomes de lugares exigiram uma abordagem diferente.

Nomes próprios que tivessem uma versão oficial em português foram escritos como já são normalmente reconhecidos. É o caso de Tóquio, Califórnia, Japão, Bélgica, Alemanha e demais localidades citadas que são bem conhecidas do público. No entanto, a obra também traz localidades que não têm uma versão oficial em português. É o caso de alguns bairros e distritos japoneses, por exemplo. Nestes casos, optei por fazer uma transcrição dos nomes japoneses, levando em conta alguns padrões de como isto costuma ser feito em português. Para exemplificar:

Omote-Sando (p.7) – Em japonês, a transcrição exata dos ideogramas (表参道) que formam este nome é lida como “’Omotesandou’”. Em português como em outras línguas, é comum retirar o “’u” que se encontra ao final de nomes de localidades. Este “’u” tem a finalidade de prolongar o som do “’o” que o precede. É o caso de Toukyou que passou a ser Tokyo/Tóquio. Por fim, o hífen que é adicionado na versão francesa, provavelmente usado para marcar que Omote e Sando são duas palavras que se unem, não existe em japonês (quando é escrito com letras romanas) e tampouco é utilizado em transcrições em português. Desta forma, optei por manter todas as sílabas juntas, sendo esta também a forma mais comum de transcrever palavras japonesas mundialmente.

A mesma linha de pensamento foi utilizada para demais localidades e nomes de organizações. Alguns exemplos:

Kansai – Kansai

Azabu – Azabu

Yakusa – Yakuza, que além de ser a forma comum em português, é também a forma japonesa de transcrever o nome da organização.

Den-en-Chofu – Denenchofu

Hakone – Hakone

Demais nomes japoneses, como os de objetos que foram escritos em itálico buscando trazer elementos novos de outra cultura, foram mantidos tais quais. Nestes casos, o leitor pode descobrir os significados através do contexto.

As expressões em inglês não foram alteradas, visto que são poucas e utilizadas como uma ferramenta para mostrar ironia e certo desprezo por parte da autora para com os Estados Unidos. A exceção parece ser a palavra *Pictionary*, um jogo de tabuleiro conhecido em diversos países pelo nome em inglês. Uma tradução possível seria “Imagem & Ação”, a versão brasileira do jogo, mas optei por manter *Pictionary* porque os personagens conversavam em inglês durante a cena, além de ter sido a americana Amy quem propôs a partida. Não me pareceu correto introduzir uma versão brasileira do jogo neste contexto.

Ademais, assim como ocorre com japonês, também encontramos expressões em francês que utilizam o inglês como fonte de partida. É o caso de:

— Quel beau tu es.

C’était de l’anglais mal traduit en français. Pour rien au monde je ne l’aurais corrigé. On ne m’avait jamais trouvée beau. (p.50)

— Que bonito você é.

Inglês mal traduzido em francês. Por nada no mundo eu o teria corrigido. Nunca haviam me

achado bonito.
----------------

A frase que ele tinha em mente provavelmente era: “*How beautiful you are*”. É curioso notar que, apesar das afirmações de Amélie de que o nível de Rinri progredia, ele cometa um erro de gênero simples como este após ter passado por diálogos muito mais rebuscados. Mais uma vez, podemos ficar em dúvida a respeito de onde começam e onde terminam os fatos reais de suas autobiografias.

Situação parecida acontece quando Hara pergunta:

Quand elle eut filé, Hara me demanda si elle avait parlé Belgique. J’acquiesçai afin d’éviter une longue explication. (p.15)
--

Quando ela saiu, Hara me perguntou se ela havia falado belgico. Confirmei procurando evitar uma longa explicação.
---

Optei por “belgico” por entender que houve a tentativa de transformar o nome do país num idioma devido à falta de conhecimento por parte de Hara. Pareceu-me a forma mais natural de brincar com a palavra em português, como se fosse algo equivalente a “falou brasileiro” e “falou argentino”. Teria usado “havia falado belga” caso em francês estivesse escrito “*belge*” em vez de “*Belgique*”.

Amélie Nothomb gosta de utilizar seus textos para exibir erudição. Nesta obra, compara-se a “Zaratustra” durante a segunda metade do livro, o que pode evidenciar que gosta de escrever para filosofar, para chegar ao autoconhecimento, como apontado anteriormente. Deparamo-nos ainda com nomes de autores como Jean-Paul Sartre, Stendhal, Schopenhauer, Mishima, Kaiko Takeshi e músicos como Bach e Ryuichi Sakamoto,

contrapondo assim grandes nomes do ocidente e do oriente. Ao parodiar o filme Hiroshima Mon Amour, Amélie me força a buscar uma tradução consolidada para a frase célebre:

— Ça tombe bien. Tu n’as rien vu à Hiroshima, rien. (p.61)
--

— Que bom. Você não viu nada em Hiroshima. Nada.
--

Isto pode nos levar à questão de expressões idiomáticas. Sempre que possível, procurei traduzi-las por uma forma equivalente em português. É o caso de:

Je ris, il prit la mouche : (p.54)
------------------------------------

Eu ri, ele ficou mordido:
---------------------------

Segundo o website Expression, a expressão “prendre la mouche” significa: “Se fâcher, s’énervier brusquement, souvent pour une raison futile”. Durante o século XVII, o termo “mouche” designava qualquer inseto voador que pudesse irritar ao picar.

L’hôpital se foutait de la charité. (p.43)
--

O sujo falando do mal lavado.
-------------------------------

Ainda segundo o mesmo website, esta expressão é utilizada “lorsque quelqu’un se moque, chez un autre, d’un défaut qu’il a lui-même”.

Procurei este tipo de solução para expressões que não fossem vitais no que diz respeito ao choque de cultura ou comparação de línguas, expressões que a autora utilizou apenas para dar fluidez ao texto.

Finalmente, gostaria de mostrar exemplos de termos dos quais tive de refletir sobre aspectos pessoais e culturais para que a tradução estivesse de acordo com um contexto implícito.

— Non, il joue chez Minami. (p.16)
------------------------------------

— Não, ele vai jogar na Minami.
---------------------------------

Trata-se da fala de um personagem japonês. Além do mal-entendido por causa da utilização do verbo “*jouer*”, explicado pela própria Amélie durante a história, o uso de “*chez*” pode ser problemático para o tradutor. Tendo em consideração que, apesar de falar francês, há um pensamento japonês por detrás da fala, a utilização de “*chez*” remeteria ao “*no tokoro*” japonês, termo utilizado para explicar que uma pessoa vai ao lugar onde está a outra. Pode-se entender, assim como em francês, a casa de outra pessoa, mas sua utilização é mais vasta do que a do termo francês. Além disso, a exceção de Rinri que mora com os pais, não podemos afirmar que os demais personagens morem em casas, pois é improvável que jovens universitários tivessem condições econômicas para isso numa cidade como Tóquio. Desta forma, optei por traduzir “*chez*” por termos mais genéricos, mesmo incorretos procurando refletir a linguagem falada, e que não especifiquem um lugar, visto que a forma japonesa também é bastante vaga e, no início do livro, ela age sobre as falas em francês.

Rinri me tenait la main, ainsi que chaque amoureux du parcours tenait la main de celle qui l'accompagnait. (p.49)
---

Rinri segurava minha mão, assim como todo namorado do percurso segurava a mão de quem o acompanhava.
--

É difícil traduzir palavras relacionadas a sentimentos, pois a autora tem uma visão diferente sobre os acontecimentos, além de não apreciar a aceção ocidental dos termos. Ela diz:

Ce que j'éprouvais pour ce garçon manquait de nom en français moderne, mais pas en japonais, où le terme de koi convenait. Koi, en français classique, peut se traduire
---

par goût. J'avais du goût pour lui. Il était mon koibito, celui avec lequel je partageais le koi : sa compagnie était à mon goût.

...

Mais je me rassurai en pensant que l'exotisme linguistique devait avoir largement contribué à cette bizarrerie. Il n'était pas indifférent que les déclarations de Rinri s'adressant à une francophone s'énoncent soit en français, soit en japonais : la langue française représentait sans doute ce territoire à la fois prestigieux et licencieux où l'on pouvait s'encanailler de sentiments inavouables.

L'amour est un élan si français que d'aucuns y ont vu une invention nationale. Sans aller jusque-là, je reconnais qu'il y a dans cette langue un génie amoureux. Peut-être pouvait-on considérer que Rinri et moi avions chacun contracté l'inclination typique de la langue de l'autre : lui jouait à l'amour, grisé par cette nouveauté, et moi je me délectais de koi.

...

Je le soupçonne d'avoir su que, pour lui, je ressentais koi et non ai – mot si beau que je regrettais parfois de n'avoir pas à l'employer. S'il ne s'en attrista pas, c'est sans doute par conscience inaugurale : il devait avoir compris qu'il était mon premier koi, de même que j'étais son premier amour. Car si j'avais déjà flambé à maintes reprises, jamais encore je n'avais eu de goût pour quiconque.

...

Il n'est pas banal que j'écrive une histoire où personne n'a envie de massacrer personne. Ce doit être cela, une histoire de koi

Este excerto nos remete à obra "Do amor" de Stendhal e sua explicação sobre os termos amor-gosto e amor-paixão, novamente contrapondo pontos de vista ocidentais e

orientais. Ela declaradamente prefere a ideia de pensar o amor como um gosto, algo menos passional e mais calmo, racional. Por este motivo, tive dificuldade em traduzir o verbo “*aimer*” e o substantivo “*amoureux*” em diversas ocasiões em que ela utilizava estas palavras sem que houvesse o peso da concepção ocidental que elas têm. A exceção de quando ela fala sobre seu amor pela irmã Juliette e sobre o amor fraternal entre Rinri e Rika, preferi traduzir o verbo por palavras como “gostar” ou “adorar”. Da mesma forma, traduzi “*amoureux*” por “namorado(a)” em diversas oportunidades, entendendo que a tradução por “apaixonado(a)” iria contra a crença de Amélie a respeito do que ela sentia. Afinal, não é preciso estar apaixonado para sentir *koi* e, ao final do livro, ela afirma que esta obra não é uma história boba de amor.

Estas foram algumas das questões que envolveram a tradução de “Nem de Eva, nem de Adão”, obra com a qual desde o título procurei evidenciar as diferenças culturais. Sendo o título a abreviação da expressão *Ne connaît (quelqu'un) ni d'Ève, ni d'Adam*, em alusão ao desconhecido que há entre as duas personagens principais, e tendo os livros de Amélie Nothomb referências bíblicas e filosóficas, a tradução literal do título já é um aviso de que tipo de tradução me propus a fazer: uma que guardasse o que há de diferente, levando o leitor a um mundo desconhecido.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradução literária não é apenas uma questão de transpor um determinado texto para outra língua. Ela envolve intercâmbio cultural e, no caso de países periféricos como o nosso, é um dos pilares para o desenvolvimento da leitura e do sistema literário nacional.

Lembro-me de que quando era calouro, a minha preferência era por textos técnicos e linguagens de especialidade. Entretanto, foi impossível não querer traduzir e ver de perto obras que contrapõem diferentes culturas e que nos abrem a perspectivas distintas. Não é apenas um exercício de escrita, mas de tolerância e reflexão a respeito de nossas fronteiras. É conseguir enxergar além e compartilhar a visão com nossos vizinhos.

A tarefa do tradutor, para parodiar Benjamin, é aproximar os povos. É fazer com que falemos a mesma língua, mas respeitando as diversas variantes. É retornar ao Éden, quando ainda não havia exílio.

Espero ter contribuído para isto de alguma forma. A tradução literária exige muito de nós, é preciso tomar muitas decisões que nem sempre são acertadas, mas é um exercício muito rico para quem o faz. E quem disse que seria fácil?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ALVES, Fabio. GONÇALVES, José Luiz. *Relevância em Tradução – Perspectivas teóricas e aplicadas*. Belo Horizonte: Faculdade de letras da UFMG, 2006.
- BASSNETT, Susan. *Estudos da tradução*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2003.
- BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro: cultura e tradição na Alemanha romântica*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- BERMAN apud OSEKI-DÉPRÉ, Inês. *Théories et pratiques de la traduction littéraire*. Paris: Armand Colin, 1999. p. 79.
- CADERNOS DE TRADUÇÃO, UFSC, Disponível em [www.ufsc.br](http://www.ufsc.br)
- CARVALHO, Carolina Alfaro de. *A tradução para legendas [recurso eletrônico] : dos polissistemas à singularidade do tradutor*. Dissertação (Mestrado em Letras). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.
- DUARTE, Rodrigo. *Teoria crítica da indústria cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. “*La posición de la literatura traducida en el polisistema literario*”. Tradução de Montserrat Iglesias. In *Teoría de los polisistemas, Estudio introductorio*. Montserrat Iglesias (Org.). [Bibliotheca Philologica, Serie Lecturas]. Madrid: Arco, pp. 223-231
- FERREIRA, Christiane de Melo. *Amélie Nothomb e a escrita autobiográfica: uma análise de Métaphysique des Tubes*. 94f. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) – Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.
- GALÍNDEZ-JORGE, Verónica. *Amélie nothomb: uma higiene sulfúrica na literatura francesa contemporânea*. *Lettres Francaises* (UNESP Araraquara), v. 7, p. 195-204, 2006.
- JAMESON, Frederic. *A Cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- JOHNSON, David. *The popular & the canonical: debating twentieth-century literature 1940-2000*. London: Routledge, 2005.
- LAFARGE, Claude. *La valeur littéraire: Figuration littéraire et usages sociaux des fictions*. Paris: Fayard, 1983.
- LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1999.

- LAMBERT, José. *The cultural component reconsidered*. 1994.
- LEFEVERE, André. Apud PIRES VIEIRA, Else Ribeiro (Org.). *Teorizando e contextualizando a tradução*. Belo Horizonte: FALE – UFMG, 1996.
- MARTINS, Márcia. A. P. *A instrumentalidade do modelo descritivo para a análise de traduções: o caso dos hamlets brasileiros*. Tese de Doutorado - São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999.
- MILTON, John. Tradução: *O clube do livro e a Tradução*. São Paulo: EDUSC, 2002.
- MILTON, John. *O poder da tradução*. São Paulo: Ars Poetica, 1993.
- NOTHOMB, Amélie. *Ni d'Ève ni d'Adam*. Paris: Albin Michel, 2009.
- OLIVEIRA, Ubiratan. “*O polissistema literário identificado por Even-Zohar*”. *Literatura comparada: diálogos e tendências*. Organon. Vol. 10, nº 24, 1996, Revista do Instituto de Letras da UFRGS.
- OSEKI-DÉPRÉ, Inês. *Théories et pratiques de la traduction littéraire*. Paris: Armand Colin, 1999.
- TÓTH, Ferenc. *Le Japon et l'œuvre romanesque d'Amélie Nothomb*. Disponível em: [http://www.pilefacebis.com/sollers/IMG/pdf/le\\_japon\\_et\\_oeuvre\\_nothomb.pdf](http://www.pilefacebis.com/sollers/IMG/pdf/le_japon_et_oeuvre_nothomb.pdf)
- TOURY, Gideon. *In Search of a Theory of Translation*. Tel Aviv: Porter Institute, 1980.
- TOURY, Gideon. The nature and role of norms in translation. In: *Descriptive Translation Studies and beyond*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamin, 1995.
- VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução*. Trad. L. Pelegrin, L. Marcelino Villela, M. Dias Esqueda, V. Biondo. São Paulo: EDUSC, 2002.
- WYLER, Lia. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

# **UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET

CURSO DE LETRAS – TRADUÇÃO

**Nem de Eva, nem de Adão: uma tradução do texto nothombiano**

**ANEXO – TEXTO DE PARTIDA**

**Aluno: Sávio Santos Boaventura 06/95599**

**Orientadora: Germana Henriques Pereira de Sousa**

Brasília, junho de 2011